

Saudações em África - além do aperto de mão: Um ensaio sobre os rituais de saudação e despedida como prática de comunicação em sociedades agrárias da África Subsaariana

Schiefer, Ulrich

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Schiefer, U. (2021). Saudações em África - além do aperto de mão: Um ensaio sobre os rituais de saudação e despedida como prática de comunicação em sociedades agrárias da África Subsaariana. *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, 4(11). <https://doi.org/10.5281/zenodo.6506550>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-SA Lizenz (Namensnennung-Weitergabe unter gleichen Bedingungen) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/1.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-SA Licence (Attribution-ShareAlike). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/1.0>

SAUDAÇÕES EM ÁFRICA - ALÉM DO APERTO DE MÃO
Um ensaio sobre os rituais de saudação e despedida como prática de
comunicação em sociedades agrárias da África Subsaariana

Ulrich Schiefer

Professor ISCTE. IUL - schiefer.ulli@gmail.com

Ana Larcher Carvalho

Investigadora ISCTE-IUL - Ana.Catarina.Carvalho@iscte-iul.pt

Alexandre Costa Nascimento

Investigador assistente e doutorando ISCTE-IUL – alexandre_nascimento@iscte-iul.pt

2021

Resumo¹

Em sociedades agrárias africanas, os rituais de saudação e despedida são uma parte essencial dos processos de comunicação que constituem essas sociedades como entidades colectivas. Por meio de formas elaboradas de saudação e despedida, as pessoas iniciam e encerram os processos de comunicação e interação dentro de uma estrutura de identidades e culturas colectivas. Complexos rituais de saudação permitem lidar com todas as formas de encontros, tanto com pessoas vivas quanto com os espíritos dos mortos. Os rituais de saudação são adquiridos por meio de longos períodos de aprendizagem. Seu domínio é o sinal de ser um adulto e membro competente da sociedade. Actores externos de diferentes culturas muitas vezes parecem não estar cientes das subtilezas desses rituais de saudação. Eles os ignoram com um custo. Este ensaio fornece algumas percepções do funcionamento interno de sociedades africanas no que diz respeito ao enquadramento dos seus processos de comunicação interna e externa. Estes que são tão importantes para as suas mundo-vivências como para as suas interações com actores externos de diferentes áreas. A análise das sociedades de uma forma compreensiva como entidades auto-organizadas dentro de uma matriz étnica demonstra claramente os limites de reduzir rituais de saudação a meros actos de fala entre indivíduos e atesta que alguns dos pressupostos básicos das modernas teorias de comunicação não são válidas para sociedades agrárias africanas.

Palavras-chave: Comunicação africana; Saudação e despedida, Sociedades Agrárias Africanas, Comunicação intercultural.

Abstract

GREETINGS IN AFRICA – BEYOND THE HANDSHAKE: An essay on greeting and leave-taking rituals as communication practice in Sub-Saharan African Agrarian Societies

In African Agrarian Societies greeting and leave-taking rituals are an essential part of the communication processes that constitute these societies as collective entities. Through elaborate forms of greeting and leave-taking people initiate and end communication and interaction processes within a framework of collective identities and cultures. Intricate greeting rituals allow to deal with all forms of encounters, with living people as well as with the spirits of the deceased. Greeting rituals are acquired through lengthy periods of learning. Their mastery is the sign of being an adult and competent member of society. External actors from different cultures often seem to be unaware of the subtleties of these greeting rituals. They ignore them at a cost. This essay provides some insights into the inner workings of African societies concerning the framing of most of their internal and external communication processes that are as vital for their lifeworlds as they are for their interaction with external actors from different spheres. Analysing the societies in a comprehensive manner as self-organising entities within an ethnic matrix clearly shows the limits of reducing greeting rituals to mere speech acts between individuals and proves that some of the fundamental assumptions of modern communication theories are not valid for African Agrarian Societies.

Key words: African communication; Greeting and Leave-taking, African Agrarian Societies, Intercultural communication.

Resumen

SALUDOS EN ÁFRICA - MÁS ALLÁ DEL APRETÓN DE MANOS

Un ensayo sobre los rituales de saludo y despedida como práctica de comunicación en las sociedades agrarias del África subsahariana

En las Sociedades Agrarias Africanas, los rituales de saludo y despedida son parte esencial de los procesos de comunicación que constituyen estas sociedades como entidades colectivas. A través de elaboradas formas de saludo y despedida, las personas inician y terminan los procesos de comunicación e interacción dentro de un marco de identidades y culturas colectivas. Los complejos rituales de saludo permiten lidiar con todo tipo de encuentros, tanto con personas vivas como con espíritus de los muertos. Los rituales de saludo se adquieren a través de largos períodos de aprendizaje. Su dominio es señal de ser un miembro adulto y competente de la sociedad. Los actores externos de diferentes culturas a menudo parecen desconocer las sutilezas de estos rituales de saludo. Los ignoran a un costo. Este ensayo proporciona algunas ideas sobre el funcionamiento interno de las sociedades africanas en términos de enmarcar sus procesos de comunicación internos y externos. Estos son tan importantes por sus mundovivencias como por sus interacciones con actores externos de diferentes áreas. El análisis exhaustivo de las sociedades como entidades autoorganizadas dentro de una matriz étnica demuestra claramente los límites de reducir los rituales de saludo a meros actos de habla entre individuos y atestigua que algunos de los supuestos

¹ Este texto foi originalmente publicado em inglês com o título [GREETINGS IN AFRICA – BEYOND THE HANDSHAKE](#) na Revista Kwanissa, São Luís, v. 04, n. 11, pág. 87-128, 2021. ISSN 2595-1033. Esta versão, traduzida para o português, possui o [DOI:10.5281/zenodo.6506550](https://doi.org/10.5281/zenodo.6506550).

básicos de las teorías modernas de la comunicación no son válidos para las sociedades agrarias africanas. **Palabras clave:** Comunicación africana; Saludo y despedida, Sociedades Agrarias Africanas, Comunicación intercultural.

Observações introdutórias ²

Por que tratar os rituais de saudação e de despedida em sociedades agrárias africanas? As razões para escrever este ensaio são múltiplas.

Em muitos países africanos, as sociedades agrárias continuam a ser extremamente importantes. Na maioria dos países, elas ainda constituem, em condições cada vez mais precárias, as mundivivências³ de cerca de metade da população. Elas também são as sociedades de origem para muitas pessoas que vivem nos centros urbanos e sendo a maior fonte da sua cultura, ainda têm uma forte influência sobre muitas das partes mais modernas das sociedades africanas. Estas sociedades agrárias podem, à primeira vista, ser consideradas como sendo relativamente simples e com baixos níveis tanto de conhecimento formal codificado como de desenvolvimento tecnológico e de riqueza material acumulada. Um olhar mais profundo mostra que estas sociedades são altamente complexas, ricas e ambicionam sabedoria. A sua riqueza reside na sua vida espiritual e social. Há muitos milénios que gerem a sua vida em circunstâncias fluidas e cada vez mais difíceis. E, apesar de serem, num sentido estritamente material, pobres em recursos, foram, no passado, capazes de aguentar, pelo menos em parte, todo o tipo de ataques externos e provar a sua resiliência⁴.

Contudo, a modernidade, sob muitas formas e em diferentes graus, está a atingir a maioria destas sociedades. Isto é especialmente observável no que diz respeito a tecnologias de comunicação sofisticadas, mas de utilização fácil, que parecem proliferar mais rapidamente do que as tecnologias noutras áreas. Mas, na maioria destas sociedades, os efeitos destas modernizações ainda não alteraram as suas comunicações internas e externas essenciais, que são percebidas como dimensões fundamentais da sua organização e, por conseguinte, da sua existência.

² Os autores agradecem a Michel Dupont, Ricardo Falcão, Sara Bernardo, Magdalena Bialoborska, Ewald Dietrich e Christoph Rottke pelos seus valiosos comentários e sugestões.

³ O conceito mundivivência (Lebenswelt) desenvolvido por Husserl na sua *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* (HUSSERL, 1976) foi elaborado e integrado na sua teoria de acção comunicativa por Habermas: "Ao comunicar frontalmente uns com os outros sobre algo num mundo, oradores e ouvintes movem-se no horizonte do seu mundo de vida comum; isto permanece nas costas dos participantes como um fundo holístico intuitivamente conhecido, não problemático e irreduzível. [...] A mundivivência só pode ser vista de costas. Da perspectiva frontal dos próprios sujeitos, que agem de uma forma orientada para a compreensão, a mundivivência que se constitui sempre como apenas dada, deve iludir a tematização. Como um todo que torna possível as identidades e os desenhos históricos de vida de grupos e indivíduos, está apenas pré-reflexivamente presente. Da perspectiva dos participantes, é possível reconstruir o conhecimento prático das regras sedimentadas nas afirmações, mas não o contexto recuado e os recursos da mundivivência como um todo que ficam para trás". (Texto original em alemão). (HABERMAS, 1985).

De notar que a comunicação está aqui posicionada como um processo entre (apenas) dois tipos de atores, orador e ouvinte.

⁴ Cf. (TEMUDO; SCHIEFER, 2003).

Quem quiser comunicar ou interagir com as sociedades agrárias africanas, seja de dentro ou de fora, tem de passar pela fase inicial e final da comunicação, que são as saudações e despedidas. Os actores externos, provenientes de sociedades não africanas, mas também muitos africanos de meios urbanos⁵, experimentam dificuldades específicas na comunicação com as sociedades agrárias. Os motivos da interacção podem ser campos diferentes: administração, comércio, desenvolvimento, intervenção humanitária, investigação ou outros. Para muitos actores externos a saudação e a despedida parecem ser os primeiros obstáculos para uma boa comunicação ou interacção.

No contexto das sociedades agrárias africanas, os rituais de saudação parecem ser barreiras invisíveis interculturais de comunicação que contribuem para frustrar os planos bem-intencionados de muitos actores externos que querem interagir com elas. Estes rituais de saudação constituem o enquadramento da maioria dos processos de comunicação, tanto internos como externos.

Eles põem a comunicação em contexto e fazem-no de forma bastante eficiente. Somente observando os múltiplos contextos em que ocorrem, o sentido dos processos de comunicação pode ser plenamente compreendido. O contexto da comunicação humana não é menos complexo do que as sociedades humanas dentro e entre as quais ela ocorre. A miríade de fenómenos que precisam de ser considerados - ou ignorados - para uma análise significativa é tão rica quanto a existência humana.

É uma das características mais marcantes do mundo moderno que tecnologias que avançam de forma incrivelmente rápida, invadem e dominam tanto a comunicação em massa, como a comunicação individual. Em consequência, os indivíduos em sociedades industriais altamente desenvolvidas sofrem cada vez mais de isolamento social e de solidão, porque perdem a capacidade de construir laços sociais fortes; em consequência, as sociedades perdem a sua coesão interna. A perda das subtilidades da comunicação pessoal social directa e da interacção e a perda de empatia têm, portanto, um custo.⁶

Pessoas de sociedades mais industrializadas podem ganhar uma melhor compreensão das sociedades humanas, inclusivamente das suas próprias, através da experiência com sociedades que consideram a interacção pessoal directa como fundamental para a sua existência e que dão grande importância ao domínio da comunicação interpessoal. Podem aumentar a sua

⁵ Numa série de seminários universitários em Lisboa, uma demonstração de formas tradicionais de saudação por africanos das sociedades agrárias provocou reacções de espanto e demonstrações de ignorância por parte de africanos do meio urbano.

⁶ Especialmente em ambientes hostis, que parecem aumentar em sociedades ocidentais, a leitura das intenções de outros pode tornar-se mais importante (Michel Dupont, comunicação pessoal).

consciência de que a substituição de contactos pessoais diretos por tecnologias sofisticadas pode exigir um preço muito elevado à existência humana, porque implica perder muito do que não pode ser transmitido pela tecnologia e pelos meios de comunicação social.

Deste modo, tentar compreender os meandros de rituais de saudação, como interacção social em sociedades - ainda - não completamente dominadas por tecnologias, pode ser útil para entender o que as sociedades modernas⁷ estão a perder e o que as sociedades agrárias africanas podem perder se continuarem a ser invadidas por tecnologias da comunicação, um processo que já se iniciou.

Quando se lida com sociedades agrárias africanas, dar mais atenção aos rituais de saudação pode ajudar a reduzir a frustração, melhorar a comunicação evitando mal-entendidos e, em geral, aumentar as possibilidades de sucesso em todo o tipo de intervenções, nomeadamente nas áreas de investigação e de desenvolvimento.

Como os rituais de saudação são universais⁸, ou seja, todas as sociedades humanas⁹ os usam e treinam os seus membros no seu uso correcto, são considerados "naturais" pela maioria das pessoas. As especificidades não óbvias destes rituais em diferentes sociedades muitas vezes passam mais ou menos despercebidas ou são apenas superficialmente adotadas por pessoas que querem interagir com elas.

Para aprender é necessário reconhecer primeiro uma falta de conhecimento que tem de ser superada.¹⁰ As saudações, no entanto, não podem ser aprendidas através de livros. Os rituais de saudação são tão diversos como as sociedades africanas, por isso têm de ser aprendidos na prática e de e para cada sociedade à sua maneira. Não há solução rápida. Nem a sabedoria das sociedades agrárias africanas, nem a de outras culturas, nem os seus rituais de saudação podem ser destilados e bem embalados num livro ou num ficheiro para o consumo global.

⁷ Cf. o estudo seminal de Alan Blum (BLUM, 2016).

⁸ Os rituais de saudação têm sido amplamente estudados, tanto a nível histórico como global. Uma extensa bibliografia sobre Greeting and Leave-taking por Joachim Knuf de 1990 lista 297 títulos, mas apenas cinco com referência directa a África. (KNUF, 1990).

⁹ O estudo das sociedades humanas de uma perspectiva sociobiológica também mostra claramente que existem alguns traços biológicos comuns. Isto é válido tanto para o indivíduo como para o nível social. A multiplicidade e a diversidade de rituais de saudação, tão numerosos como as sociedades e as suas culturas, portanto, têm algumas características básicas comuns. Estas são profundamente enraizadas na natureza humana. "As expressões faciais que exibem as emoções básicas do medo, do ódio, da raiva, da surpresa e da felicidade parecem ser traços invariantes de todos os seres humanos" (Texto original em inglês) (WILSON, 1978, p. 61).

¹⁰ Parece não haver muito espaço dedicado ao treino ou aos programas de preparação para intervenientes externos, nem para os africanos provenientes de ambientes urbanos que, por conseguinte, não parecem notar que pode haver um problema. Isto sugere incluir os rituais de saudação nos programas de treino para investigadores e outros atores externos que lidam com sociedades agrárias.

Algumas observações sobre metodologia

Neste ensaio tentamos resumir observações diretas e participativas e tirar algumas conclusões das investigações e das experiências de trabalho dos autores em sociedades africanas, que se estendem por quatro décadas e incluem trabalho com dezenas de sociedades. Consideramos os olhos e ouvidos, e alguns outros sentidos do investigador treinado, como fontes legítimas de conhecimento.¹¹

Este ensaio não é o resultado de um projeto de investigação específico dirigido ao estudo de rituais de saudação e de despedida, mas sim um reflexo da interação pessoal directa com uma vasta gama de sociedades, que implicou muitos anos de educação formal e informal e de *coaching* recebidos pelos autores, que estavam envolvidos na investigação com e sobre sociedades africanas, bem como em projetos de desenvolvimento. Nestes contextos, muitas vezes, comportamentos aparentemente inocentes e bem-intencionados levaram a erros, que vão desde simples gaffes a erros crassos. Como em muitos outros processos de aprendizagem, estes erros revelaram-se os melhores dos professores. Muitas vezes colocavam à prova a paciência dos amigos e colegas africanos. Através de longos processos de empurrões subtis, bem como de orientações formais, ao longo do tempo os processos de comunicação e interação melhoraram lentamente e proporcionaram um acesso mais frutuoso às sociedades agrárias. A observação atenta, bem como a imitação, portanto, métodos de apropriação mais tradicionais, também se revelaram abordagens inestimáveis. As sociedades com quem os autores trabalharam estão, como tantas outras sociedades africanas, fortemente traumatizadas. Os seus traumas não são apenas perdas materiais sofridas em prolongadas guerras anticoloniais e civis, mas muitas delas também foram feridas no fundo das suas almas. Estes traumas podem estar mais recalcados ou mais presentes nos processos de comunicação externos ou internos. Ao analisar o enquadramento destes processos, como em rituais de saudação e de despedida, estes fenómenos não são apenas circunstâncias externas. Nem hão de ser simplesmente ignorados, nem podem ser facilmente equacionados como factores num quadro analítico. São essenciais para a compreensão das sociedades. O sentido mais profundo reside aqui no contexto, como será demonstrado em alguns exemplos. Isto levanta naturalmente questões de metodologia. Evidentemente, as caixas de ferramentas mais utilizadas na investigação social, como inquéritos, entrevistas, etc., não fornecem instrumentos adequados para compreender

¹¹ Abstemo-nos de discutir em pormenor as contribuições de outros autores que trabalharam na mesma área de investigação – as referências das suas obras são dadas para leituras futuras – o que muitas vezes é bastante gratificante. Também excluímos aqui a troca de presentes entre pessoas, que é bastante frequente e que muitas vezes parece estar intimamente relacionada com os rituais de saudação. Mas embora importante para o estabelecimento e manutenção das relações sociais e, por vezes, entrelaçados com os rituais de saudação, é um fenómeno diferente que já está bem estudado.

fenómenos, que são centrais para a existência humana, mas que vão além do que pode ser facilmente observado.

O objecto de reflexão engloba uma vasta gama de sociedades distintas e diversas, que abrangem muitos países da África Subariana. Como cada sociedade tem rituais específicos de saudação e de despedida – de facto, estes rituais servem igualmente como marcadores iniciais de identidade e distinção de pessoas, grupos e sociedades – é importante acertar o nível de abstração, ao analisar mais do que uma ou apenas algumas delas numa perspectiva comparativa. Por isso, analisamos as sociedades agrárias africanas aqui como tipo-ideal (*Idealtypus*), na tradição de Max Weber¹², ou seja, como um instrumento de heurística que também permite a formulação de hipóteses. Assim, a construção de sociedades como tipo-ideal tenta construir um modelo abstrato que, embora não idêntico a nenhuma das sociedades em análise, fornece as características típicas de cada uma e permite, através de um processo de diferenciação, uma melhor compreensão de sociedades específicas, bem como uma delimitação significativa da análise.

Comunicação em Sociedades Agrárias Africanas

As sociedades agrárias africanas não são "sociedades de indivíduos", nem são organizações de adesão de membros do tipo moderno. São sociedades colectivas no verdadeiro sentido da palavra. Elas estão bem conscientes de quem pertence e quem não pertence. A filiação aparece como um processo natural. Os membros nascem de membros, crescem nas sociedades, vivem e morrem como membros e continuam a ser membros após a sua morte. A filiação engloba os vivos e os mortos. Através do culto dos antepassados, as sociedades agrárias africanas reconhecem a sua herança biótica, bem como a origem da sua cultura, língua, conhecimento e, por último, mas não menos importante, o seu acesso aos recursos naturais e às alianças políticas, bem como às suas inimizades cuidadosamente tratadas. Muito, mas de forma alguma todo, do seu conhecimento é codificado em rituais. A constituição das sociedades é transmitida através dos seus mitos e das suas cosmologias.¹³

Estas sociedades são, portanto, entidades reais. A sua relação com o seu ambiente, o seu plano, entendido como a distribuição do trabalho, o acesso aos recursos (terra, água, peixe, caça, transporte, para citar apenas alguns) e a sua produção são transmitidos na sua estrutura social. A organização social é codificada numa carta genealógica com uma extensão territorial, com

¹² Ver a sociologia interpretativa de Max Weber (WEBER; WINCKELMANN, 1985).

¹³ Cf. (ELIAS, 2017).

ou sem uma instituição central de poder¹⁴. Os ancestrais, por muito desencarnados que sejam, ocupam os seus lugares nesta carta que não seria possível sem eles. A sua existência é considerada como não menos real, embora muito diferente, da dos membros vivos. Para as sociedades africanas, o seu domínio sobre a vida dos membros vivos é indiscutível.¹⁵

A estrutura social baseia-se na descendência, na diferenciação social de género e nas classes etárias. As suas identidades baseiam-se na pertença, no lugar, na língua e na cultura. A maioria das sociedades agrárias africanas também compreende uma organização militar oculta.

Na sua própria percepção, uma dimensão constitutiva destas sociedades coletivas é a sua alma coletiva. Esta é considerada a essência do seu ser, representada em entidades espirituais, que dá às suas sociedades não só a sua coesão interna, mas a sua existência. A alma pessoal, de pessoas vivas e mortas, é percebida como parte desta alma colectiva.

Numa perspectiva científica europeia mais moderna, estas e outras sociedades estão unidas através do seu subconsciente coletivo. A comunicação com este subconsciente coletivo é em grande parte simbólica.¹⁶

As sociedades modernas de inspiração europeia consideram a ascensão do indivíduo uma das suas principais conquistas¹⁷. Este facto tem sido constitutivo para o avanço da maioria das ciências, como, por exemplo, a economia, a política, a sociologia e a psicologia. A expansão do pensamento ocidental produziu uma certa cegueira quando se trata da compreensão de sociedades não baseadas no indivíduo.¹⁸

Nas sociedades africanas, o locus do controlo é muito mais externo do que nas sociedades baseados no indivíduo.

Os espíritos dos antepassados, membros das sociedades, bem como os espíritos que representam as forças da natureza são, portanto, construções de dimensões extra-individuais e extra-pessoais

¹⁴ Cf. (SIGRIST, 2005).

¹⁵ Nas sociedades industrializadas ocidentais, a influência dos mortos sobre os vivos é amplamente ignorada e pode levar à introjeção individual subconsciente. Este processo pode ser percebido como correspondente a processos traumáticos onde traumas colectivos aparecem como traumas individuais fracturados e são tratados como tal. (Ewald Dietrich, comunicação pessoal).

¹⁶ C.G. Jung desenvolveu a teoria sobre esta alma colectiva, que assumiu fazer parte de todas as sociedades humanas. Chamou-lhe o "inconsciente colectivo" (JUNG, 2000). Descreveu a importância da comunicação simbólica através da qual os arquétipos que estruturam o subconsciente colectivo atingem a consciência colectiva e individual (JUNG, 2000).

¹⁷ Cf. (ELIAS, 2017).

¹⁸ Uma excepção notável tem sido a abordagem teórica fundada e inspirada por C. G. Jung. Jung, um profundo pensador com uma vasta experiência em psicanálise clínica que, com base na experiência pessoal, descobriu que as almas individuais fazem parte de uma alma colectiva, cujas manifestações procurou na história europeia, bem como em sociedades não europeias (JUNG; JAFFÉ, 1989). Neste esforço, realizou extensas viagens com visitas a sociedades não europeias. Também foi assistido pelos seus amigos, como por exemplo por Richard Wilhelm, na época indiscutivelmente um dos melhores especialistas da alma e filosofia chinesas. Os seus estudos incluíam as Américas, Ásia (WILHELM; JUNG, 2000) e África (JUNG; JAFFÉ, 1989; POST, 1978).

da existência humana. As forças da natureza regulam o acesso aos recursos naturais. São percebidos como reais. São um *fait social*¹⁹.

As sociedades agrárias africanas são, em suma, entidades com dimensões produtivas, reprodutivas, territoriais, culturais, linguísticas, militares e espirituais. São, igualmente, entidades cognitivas e decisórias que proporcionam os contornos do espaço de ressonância cognitiva de que as sociedades precisam para se auto-organizarem.²⁰ Os processos comunicativos são fundamentais e constitutivos para a sua coesão interna. No entanto, a existência das sociedades não pode ser reduzida apenas à comunicação. Abrange todas as dimensões da condição humana.²¹

A sua comunicação tem de ser analisada como um processo de um coletivo e não pode ser entendida como a soma dos atos comunicativos entre indivíduos. Por outras palavras, as unidades de análise devem ser as sociedades e não os processos comunicativos entre indivíduos.²²

Encontro com os outros: identificação, relacionamentos e performance

Os processos iniciais ao encontrar outros constituem reduções de complexidade que abrangem diferentes níveis e múltiplas áreas. Funcionam com pistas, sinais, símbolos e códigos. Eles vão desde o biótico elementar aos estereótipos e arquétipos sociais e culturais. A identificação inicial de amigo-inimigo, bem como a identificação homem-mulher, são involuntárias e acontecem tão rápido que são praticamente inconscientes. Outras classificações variam de conhecidos a desconhecidos e vão das afinidades e semelhanças às diferenças que permitem categorizações elementares em estereótipos e que podem desencadear a activação de arquétipos. A distinção entre o grupo de pertença e o grupo de não-pertença nas sociedades colectivas tem dimensões importantes que são, da mesma forma que a constituição das identidades correspondentes, conjuntural, contextual, situacional e, o mais importante, relacional.²³

Uma das emoções mais básicas é o medo. O seu contraponto é a confiança. Distância e diferença indicam e desencadeiam o medo, a confiança é produzida por pertença, proximidade, adjacência, experiência partilhada e semelhança. Em sociedades organizadas e codificadas

¹⁹ No sentido de Durkheim. (DURKHEIM, 2019).

²⁰ Em outras palavras, eles não sofreram a 'Grande Transformação' (POLANYI, 2001).

²¹ Cf. Arendt & Canovan, (1998).

²² Isto limita severamente o valor heurístico do modelo de comunicação de Shannon. (SHANNON; WEAVER, 1998).

²³ Conjuntural: há guerra ou paz, estão as coisas a ir bem ou há uma catástrofe? Contextual: quem está presente, é dia ou noite, onde se realiza o encontro? Relacional: quem é o outro? Superior ou inferior ou da mesma posição social indicado pela idade, estatuto, reputação, etc.? Existe proximidade, relações estabelecidas, experiência partilhada, etc.?

através de cartas genealógicas, a proximidade e a confiança, reais ou metafóricas, são expressas através de categorias de parentesco.²⁴

Nas sociedades auto-organizadas de acordo com uma matriz étnica,²⁵ a constituição interna das relações pessoais, familiares e grupais é um processo contínuo que implica a confirmação constante como contraponto às tensões omnipresentes e às tendências centrífugas. Isto requer uma forte ritualização destas relações que podem assumir as formas de poder, autoridade e influência. A ritualização ajuda a definir e gerir a tensão entre estabilidade e mudança e manter um desequilíbrio fluido que é característico destas sociedades.²⁶

A maioria das sociedades baseadas no parentesco e na descendência também produzem formas de organização ritualizadas que transcendem os limites das famílias e grupos de descendência, tais como classes etárias, vizinhanças, organizações de mulheres e afins, onde as relações são colegiais. Em todas as sociedades as amizades individuais também desempenham um papel importante.

A auto-classificação da pertença e do lugar na sociedade ("posição na vida") é sempre relacional e expressa no eixo do respeito ou do medo em relação aos outros. Os processos de comunicação

²⁴ Jung afirmou as suas ideias, na linguagem do seu tempo: "O tipo intelectual tem medo de ser apanhado pelo sentimento porque o seu sentimento tem uma qualidade arcaica e lá ele é como um homem arcaico – ele é a vítima indefesa das suas emoções. É por esta razão que o homem primitivo é extraordinariamente educado, tem muito cuidado para não perturbar os sentimentos dos seus companheiros porque é perigoso fazê-lo. Muitos dos nossos costumes são explicados por essa educação arcaica. Por exemplo, não é costume apertar a mão a alguém e manter a mão esquerda no bolso, ou atrás das costas, porque deve ser visível que não tenha uma arma na mão. A saudação oriental de fazer uma vénia com as mãos estendidas para cima significa "Não tenho nada nas mãos." Se fizer o *kowtow*, isso é deitar-se no chão com a cabeça aos pés do outro homem, para que ele o veja absolutamente indefeso e que tenha confiança total nele. Ainda se pode estudar o simbolismo das maneiras com os primitivos, e também se percebe porque têm medo do outro sujeito." (Texto original em inglês) (JUNG, 1976).

²⁵ 'Parentesco e casamento' é provavelmente uma das áreas mais estudadas em antropologia social. Seguimos aqui os passos de Sigrist, que construiu as suas teorias sobre sociedades acéfalas debatendo as perspectivas de Radcliffe-Brown, Fortes, Evans-Pritchard, (FORTES; EVANS-PRITCHARD; INTERNATIONAL AFRICAN INSTITUTE 2010) Leach, e muitos outros. "''Tribos'' pode ser definida de forma não essencialista: A crença numa ancestralidade comum que representa as interrelações sociais, reflete-se numa carta genealógica que fornece o quadro formal para a disposição social e é expressa espacialmente. Tal unidade não precisa ser representada por um chefe". (Texto original em alemão). (SIGRIST, 2005). A esta definição, Schiefer, no seu estudo sobre sociedades da África Ocidental, acrescentou uma dimensão espiritual e uma organização militar – na sua maioria oculta: "A dimensão espiritual aqui representa todo o reino do mágico e do extrassensorial, isto é, poderes para além das categorias da mente que as sociedades ou grupos sociais acreditam existir." (Texto original em alemão). (SCHIEFER, 2002).

A abordagem teórica desenvolvida por Sigrist (SIGRIST, 2005), no seu trabalho inovador sobre sociedades segmentadas, permite uma análise mais profunda das sociedades baseadas em parentesco. A colocação do parentesco como um princípio subjacente de sociedades auto-organizadas dentro da matriz étnica permite a conectividade, isto é, a construção de pontes teóricas para um campo mais amplo de teorias que contribuem para o estudo de sociedades, como sociobiologia, sociologia, antropologia social, ciência política, teoria do sistema, teoria da comunicação, cibernética, para citar apenas as mais óbvias.

²⁶ Em muitas sociedades, o poder e a autoridade são largamente exercidos em segredo. Portanto, a parte visível dos rituais que significam poder ou autoridade constitui apenas uma pequena parte das relações hierárquicas que estruturam estas sociedades.

envolvidos, dos quais a saudação é uma parte importante, constituem, através da sua recorrência, actos de auto-afirmação, bem como a afirmação do outro. Podem também ser expressões de mudança, seja através de rituais de mudança explícita, como a classificação de uma classe etária para a outra, de solteiros a casados, etc., ou processos subtis de negociação, que aspiram uma mudança lenta nas relações ao longo do tempo. São uma forma subtil de expressar a dinâmica da mudança social.

A maioria dos encontros que envolvem saudações acontecem num contexto social, geralmente na presença de outros. Mesmo que outros não estejam fisicamente presentes, os encontros serão ou poderão ser comunicados. Assim, as saudações tendem a ser imbuídas com uma dimensão de performance. Elas variam entre a observação dos participantes e a participação dos observadores. A dimensão performativa serve como uma auto-afirmação, como confirmação de pertença e estatuto relacional e como demonstração de estatuto e de comportamento apropriado e adequado para com os outros presentes. O ato de saudação será influenciado pela presença de outros, quer diretamente, uma vez que fazem parte da performance, ou indiretamente, uma vez que as testemunhas presentes acabarão por levar a mensagem a outros. Em comunidades relativamente fechadas, onde a capacidade de agir e o bem-estar das pessoas depende fortemente da opinião dos outros, o estatuto social é parcialmente interpretado desta forma.²⁷

Isto provoca naturalmente o uso de ambiguidades, de mentiras, subtis ou não, e de manobras para aumentar o seu próprio status bem como as correspondentes estratégias defensivas para detectar e negar ambições de outros que não são consideradas apropriadas.

A dimensão performativa das saudações também trouxe uma ampla gama de pistas e sinais secretos, que permitem que as pessoas troquem mensagens de identificação de grupo, ou sobre outros assuntos, sem que as outras pessoas presentes se percebam da parte oculta da comunicação.

Muitas vezes as saudações também mostram estados emocionais, uma vez que os sentimentos são frequentemente expressos. Quando suficientemente fortes, estas expressões de sentimentos podem vibrar com as outras pessoas e também alterar o estado emocional delas.

O aspecto performativo também tem um papel importante na transmissão do conhecimento – as pessoas mais jovens e menos experientes estão constantemente expostas ao comportamento relacional dos mais velhos e aprendem através da imitação.

²⁷ Em casos extremos, a recusa pode significar que a presença ou, em casos mais raros, a existência de uma pessoa é ignorada e a pessoa é tratada como uma “não-pessoa”.

As miríades de actos individuais de saudação são assim processadas coletivamente e fazem parte de um processo mais abrangente de gestão da informação e do conhecimento das sociedades.

Formas africanas de saudação como prática social

Nas sociedades onde um aperto de mão ainda é um aperto de mão entre as pessoas e não o estabelecimento de uma ligação entre computadores e que ainda não são dominadas pela tecnologia, o contacto pessoal e a comunicação são de primordial importância. Muitos processos de comunicação nas sociedades agrárias africanas subsaarianas têm uma fase inicial muito distinta, a saudação, bem como uma fase de conclusão igualmente distinta, a despedida.²⁸ Estas fases relativamente curtas são essenciais para a maioria dos processos de comunicação. Os rituais de saudação não são meras formalidades. À primeira vista, para o observador externo, originário de sociedades ocidentais (ou melhor, do Norte), podem nem parecer muito formais, mas sim bastante informais e muitas vezes são admirados pelo calor humano exibido entre pessoas, ou menosprezados como costumes pitorescos e uma perda de tempo.

Com efeito, mesmo tendo em conta a aparente informalidade das saudações diárias, como por exemplo entre parentes, colegas, amigos ou vizinhos, as saudações são rituais extremamente elaborados, que podemos situar numa escala do aparentemente informal ao completamente formal, do supostamente casual ao altamente significativo.

Nas sociedades colectivas em que o coletivo é mais valorizado do que o indivíduo, ou por outras palavras, em sociedades que não produziram o "indivíduo" como figura dominante na sociedade, como as sociedades europeias em processos de industrialização fizeram a partir do século XVIII, o estatuto social (entendido como estatuto da família ou do grupo) é da maior importância para alcançar os objectivos sociais e económicos, como, por exemplo, a reputação e o bem-estar da família ou do grupo. As pessoas nestas sociedades não são livres, no sentido que actuam apenas por conta própria, sem grande consideração pelos seus grupos e sociedades: o seu comportamento reflectirá sempre sobre uma entidade maior e eles estão bem cientes desse facto. Não é por acaso que a responsabilidade é considerada um dos valores básicos da sua educação, assim como é evitar a vergonha. Com a idade crescente, as crianças aprendem que terão de responder a alguém pelas suas ações, geralmente por serem ameaçadas ou expostas à vergonha. Isto contrasta fortemente com as sociedades industrializadas ocidentais (mas não necessariamente orientais), onde as conquistas económicas podem traduzir-se mais facilmente

²⁸ Cf. O trabalho pioneiro de Wilson (SOOLA; BATTÀ; NWABUEZE, 2010) (WILSON, 1989), (WILSON, 1987) e a excelente coleção de ensaios de Ansu-Kyeremeh (ANSU-KYEREMEH, 2005).

em estatuto social do indivíduo do que ao contrário e onde a relação entre as pessoas e a propriedade parece estar mais firmemente fundamentada do que a relação entre as pessoas.

Nas sociedades agrárias africanas, as relações sociais estão continuamente sobre tensão externa e interna, mesmo que isso possa não ser muito evidente para o observador casual. Dadas as tensões sociais quase ubíquas, as relações sociais exigem uma manutenção contínua. A gestão das relações sociais exige esforços incessantes a fim de manter as relações de trabalho dentro dos grupos sociais, que constituem uma condição prévia para o seu funcionamento em condições cada vez mais precárias. A manutenção da paz externa e interna é considerada fundamental para manter à distância as forças do mal, que são vistas como uma ameaça constante à harmonia interna das sociedades.

As pessoas das sociedades agrárias africanas, em geral, são na sua maioria muito educadas e sociáveis. Em muitas sociedades, a *joie de vivre* parece omnipresente. As boas maneiras e a simpatia são consideradas essenciais e sustentadas pelas suas culturas antigas, das quais estão bem cientes.

Muitas pessoas também cultivam um bom senso de humor.

A relevância que estas sociedades atribuem às relações interpessoais manifesta-se de muitas maneiras. Um desses aspectos é a saudação em todas as suas dimensões como prática social.

Saudar e falar

Uma das formas mais elaboradas de comunicação nas sociedades humanas é a língua. Isto é, sem dúvida, também válido para os rituais de saudação. A saudação como um ato de discurso foi amplamente estudada e foram produzidos conhecimentos valiosos. É fundamental poder utilizar a linguagem correta e adequada na saudação e as sociedades fazem um esforço considerável para ensinar as palavras e formas de saudação adequadas. As pessoas das sociedades agrárias africanas, que têm de lidar com outras sociedades agrárias ou com pessoas da cidade, aprendem frequentemente a linguagem das formas de saudação dos outros. As outras dimensões dos rituais de saudação que já conhecem. Quanto mais expostos são a contactos externos, também aprendem as formas mais utilizadas em línguas nacionais ou formas internacionais, como transportados pelos meios de comunicação social ou por estrangeiros. Estas fórmulas são utilizadas por muitos e permitem o estabelecimento de um primeiro contacto.²⁹ Aplicá-las em saudações é considerado um sinal de respeito e as pessoas depois de

²⁹ Para as sociedades africanas surgiram estudos muito interessantes, muitos deles de uma perspectiva linguística ou sociolinguística (cf. (MMADIKE; OKOYE, 2015) (MATHIAS; ONYIMA, 2015) (NADEN, 1980) (AKINDELE, 1990).

concluir os rituais de saudação, em seguida, mudam mais facilmente para uma língua comum para conversas sérias.

A troca de palavras, porém, é apenas uma dimensão da saudação – e a concentração em saudações como um ato de fala, tanto por praticantes como por investigadores, muitas vezes parece conduzir a uma certa indiferença em relação a outras dimensões, não menos importantes.

Antes da saudação: o encontro, o primeiro contacto

Nas sociedades agrárias africanas, os primeiros contactos de alguma relevância são muitas vezes precedidos por expectativas, por pré-conhecimento, por premonições, por pressentimentos, ou assombrados por maus presságios ou antecipação geral – que podem ser específicos ou difusos e variam muito de pessoa para pessoa e de situação para situação.

As surpresas são bastante comuns, de modo que evoluíram mecanismos específicos para lidar com situações destas.

A gama de formas de saudação disponíveis é extremamente variada e abrange quase todos os tipos de encontros. Mas nem todos os encontros resultam numa saudação.

O primeiro contacto pode ocorrer a uma certa distância; na maioria dos casos, este contacto transforma-se num ritual de saudação. Algumas percepções básicas, baseadas na aprendizagem, atenção, regras pré-existent, intuição e expectativas implícitas, no entanto, precedem o início da saudação.³⁰

Outros seres humanos podem ser vistos como amigos, inimigos ou potenciais parceiros. Esta é provavelmente a percepção primária, que acontece de modo incrivelmente rápido e que dura apenas uma fracção de segundo. Ela traduz-se na primeira distinção ao conhecer outra pessoa: homem ou mulher, adulto ou criança?³¹

As mulheres geralmente não são vistas como uma ameaça física iminente. Nem são as crianças.³²

Isto corresponde a um padrão geral: existe um perigo? Se amigo, não há perigo. Se inimigo, que tipo de perigo?³³ É o outro predador ou possível presa? Pode a situação ser controlada, o perigo evitado, neutralizado ou suspenso? O contexto geral, a localização e o ambiente

³⁰ Cf. (KAHNEMAN, 2011).

³¹ A "identificação de amigos-inimigos" (*'identification friend or foe'*) é agora mais conhecida como um termo usado nos sistemas militares modernos, mas na verdade é provavelmente uma das mais antigas necessidades de reconhecimento humano.

³² Crianças armadas em sociedades devastadas por guerras parecem ser exceção. A repulsa geral aparente na maioria dos relatórios confirma que isso viola princípios básicos de comportamento esperado nas sociedades humanas.

³³ Os padrões comportamentais (em grande parte biológicos) a uma ameaça percebida que produz medo são três: imobilidade tónica ou *thanatosis* ("congelar"), fuga ou ataque.

desempenham um papel significativo na classificação das pessoas encontradas. Outros aspectos também entram: quantas pessoas estão presentes? Estão armados? Que tipo de transporte usam? Como estão vestidos? Podem ser identificados com algum grupo conhecido? Como é que se comportam? Que tipo de sinais enviam? O que eles querem? Podem ser neutralizados ou controlados?³⁴ Se não forem inimigos, podem ser identificados? A que categoria ou grupo de pessoas pertencem? Alguém os conhece? A sua chegada foi anunciada de antemão? Como é que chegam?

Se as pessoas encontradas pertencerem a um grupo que é conhecido e com o qual existem relações, a saudação é iniciada após uma primeira identificação. Se o outro é desconhecido, a desconfiança profunda generalizada mantém todos reservados. Esta desconfiança pode rapidamente transformar-se em medo, especialmente em sociedades fortemente traumatizadas por guerra e violência.³⁵

Um exemplo pode ilustrar isto. Durante os trabalhos de campo em Moçambique, em 1997, apenas quatro anos após o fim de uma brutal e prolongada guerra civil, numa manhã de domingo, um colega e um dos autores visitaram o campo numa zona que tinha visto combates prolongados e intensos durante a guerra. Entrar numa aldeia num Lada Niva branco não foi uma boa ideia.³⁶ Quando os aldeões viram o carro, a sua reacção foi de choque. Instantaneamente, quase todos viraram-se e prepararam-se para correr. Só quando saímos do carro e mostrámos que estávamos desarmados e amigáveis, as tensões aliviaram um pouco. Uma visita posterior, embora previamente anunciada e acompanhada por um homem da aldeia, à residência de um professor local, provocou ataques incontroláveis de tremores no dono da casa.

Saudação: a fase inicial

As saudações são geralmente iniciadas a partir de uma distância física por sinais de distância típicos. Estes podem incluir olhares, expressões faciais, sinais e gestos de mãos, movimentos corporais e até chamadas.³⁷

Quando a fase de identificação passa e uma saudação direta é possível ou necessária, a saudação em presença é iniciada.

³⁴ Aventurar-se fora do espaço da vila e do ambiente familiar pode ser visto como arriscado e requer preparação e cuidados. Apenas pessoas corajosas, como caçadores, guerreiros ou ladrões, se aventuram sozinhos ou em pequenos grupos no escuro – outros tentam evitá-lo se puderem ou pelo menos preferem ir em grupos maiores e à luz do dia.

³⁵ Cf. (SCHEPER-HUGHES, 2007)

³⁶ Mais tarde descobrimos que os Ladas brancos eram amplamente e, no geral, correctamente associados à polícia secreta.

³⁷ Muitos dos sinais de distância parecem ser quase universais, como mostrar as mãos abertas para sinalizar que se está desarmado.

Dependendo do tipo de saudação, durante a troca das fórmulas, gestos e movimentos comuns, uma vasta gama de informações é trocada. Parte dela subliminarmente, parte ajudada por algumas técnicas de entrevista mais ou menos subtis, antes que talvez se entre lentamente numa fase de uma harmonização provisória. Uma leitura das intenções, da personalidade e das agendas, escondidas ou abertas, baseada em sentidos apurados e antenas afiadas, é experimentada e testada.

O ritual de saudação pode ser entendido como uma espécie de processo de afinação multissensorial. Sinais provisórios são enviados, para ver como a outra parte reage, e são depois adaptados aos sinais recebidos, até que uma sintonia comum possa ser encontrada e testada. Esta é uma das razões pelas quais as saudações podem demorar bastante tempo e ser repetidas até que a harmonia possa ser alcançada. Em situações amigáveis, pode aparecer uma certa ludicidade que pode ajudar a superar inseguranças e incertezas em relação ao status e aos humores e disposições pessoais.

A ambiguidade e imprecisão aparentes nas saudações, bem como nas conversas, são, de facto, dadas as circunstâncias, uma forma muito mais eficaz de comunicar do que uma linguagem científica ou técnica codificada com precisão. São, portanto, não só tolerados, mas também apreciados e até ensinados. Assim como o uso correto de pausas e silêncios significativos.³⁸

A aparente indefinição e abertura permitem a deteção de uma gama muito mais ampla de sinais. Se uma parte envia sinais vagos, isso deixa muito mais espaço para o outro reagir e introduzir a sua própria interpretação e significado que, por sua vez, permitem uma leitura mais profunda do outro. As oscilações mais amplas no início do ritual de saudação permitem a deteção de pistas e sinais³⁹ subtis que de outra forma poderiam ser perdidos.⁴⁰

Como a saudação é o ritual que fornece a forma externa para o estabelecimento de relações dos organismos mais complexos conhecidos⁴¹, requer uma forte redução da complexidade, que se manifesta em padrões comportamentais testados no tempo. As pessoas envolvidas na saudação podem ser da mesma sociedade ou de sociedades diferentes. Da mesma forma em que as pessoas são parte integrante das sociedades, as sociedades e as suas culturas estão representadas nelas. Por conseguinte, toda a complexidade (de partes) das sociedades a interagirem precisa de ser aplicada e codificada a um nível em que possa ser tratada de forma prática em diferentes

³⁸ "Sin ambigüedad no se puede hablar de nada que valga la pena" (GÓMEZ DÁVILA, 2007).

³⁹ Cf. (HÖLLDOBLER; WILSON, 2009).

⁴⁰ Estas práticas precedem, provavelmente por muitos milhares de anos, a abordagem moderna da programação neurolinguística com as suas afirmações espantosas, que, mesmo depois de ter sido, pelo menos em parte, cientificamente desacreditada, ainda parece ser amplamente utilizada em algumas áreas onde a manipulação do outro é vista como vantajosa.

⁴¹ O cérebro é um órgão social, afinal de contas. Cf. (HÜTHER, 2010).

níveis de competência pelos intervenientes envolvidos, sem causar demasiados danos. Isto pode ser observado em muitas circunstâncias. Quanto maior for o potencial de conflito, mais rigorosa é a observância das formas e padrões.

O valor que as sociedades africanas e outras sociedades atribuem aos rituais de saudação e a estrita adesão às formas tradicionais mostra claramente que estão perfeitamente conscientes do seu elevado nível cultural e social. A experiência diária mostra que a identidade étnica e a coerência interna das suas sociedades também se exprimem nestes rituais, como em muitos outros.

Como os rituais envolvem toda a gama de linguagem corporal, movimentos de corpos no espaço, ornamentos corporais, mímica, gestos, expressão facial, linguagem, bem como a situação circundante e outros fatores externos, são excepcionalmente difíceis de descrever. Os rituais de saudação ativam a maioria dos cinco sentidos aristotélicos, incluindo o olfacto e o tacto, bem como alguns outros, que são subliminares, mas da maior importância.⁴²

Em numerosas situações, e entre muitas pessoas, a comunicação interpessoal direta, sem sinais visuais ou sonoros, não é invulgar. Nestas sociedades, a intuição tem um papel muito mais abrangente e é-lhe dado muito mais significado do que nas sociedades industrializadas.⁴³ Onde nas sociedades ocidentais a intuição é entendida ao nível da percepção pessoal, em sociedades africanas ela é entendida como um fenómeno colectivo do qual a intuição pessoal é apenas uma parte. Por conseguinte, é necessário proporcionar espaço e oportunidade para estabelecer a ligação entre a intuição pessoal e colectiva.

A maioria das pessoas conhece, por sua própria experiência, esta comunicação direta, especialmente entre pessoas próximas, como mãe e filhos, ou entre amantes. Estes processos⁴⁴ não podem ser observados diretamente, mas apenas sentidos – o que não os torna menos

⁴² O som e a visão são os dois sentidos privilegiados, em detrimento dos outros sentidos, nas sociedades industrializadas ocidentais, mesmo nas ciências, uma vez que podem ser gravados, documentados, melhorados e manipulados com sucesso usando a tecnologia de áudio e de vídeo.

⁴³ Na filosofia ocidental a intuição é entendida como "o poder de obter conhecimento que não pode ser adquirido nem por inferência ou observação, nem pela razão ou pela experiência. Como tal, a intuição é pensada como uma fonte de conhecimento original e independente, uma vez que foi concebida para explicar apenas os tipos de conhecimento que outras fontes não proporcionam." (Encyclopædia Britannica. Ultimate Reference Suite, 2014). (Texto original em inglês).

"La 'intuición' es la percepción de lo invisible, así como la 'percepción' es la intuición de lo visible" (GÓMEZ DÁVILA, 2007).

⁴⁴ A neurociência moderna descreve vagamente estes processos de ressonância directa como a acção dos neurónios espelho. Os sinais eléctricos que diferentes partes do cérebro emitem quando estimuladas, podem ser mostrados em imagens produzidas por computador em tempo real de exames cerebrais. Agora que imagens produzidas por computador estão disponíveis, estes processos de comunicação directa que não envolvem os cinco sentidos estabelecidos, parecem tornar-se objeto de "investigação científica moderna". As sociedades africanas, e outras, sempre souberam disto. Assim como filósofos, psicólogos e inúmeros cientistas antigos por muito tempo.

importantes.⁴⁵ De facto, eles são muitas vezes as dimensões mais significativas dos rituais de saudação. A dimensão simbólica da comunicação que se manifesta nas saudações é essencial. Os processos formais de saudação através da sua interação simbólica, expressa através de formas externas, com o seu próprio significado, proporcionam espaço e oportunidade para os processos subliminares e não observáveis.

Algumas manifestações desta comunicação directa podem, no entanto, ser observadas. Consciente ou inconscientemente, nas saudações as pessoas frequentemente imitam e assumem as posturas e expressões da outra parte e ao espelhar o outro tentam pegar e entender o seu estado de espírito interior.⁴⁶

Nas sociedades onde os sentidos das pessoas ainda não são insensibilizados por ambientes urbanos e embotados pelo consumo extensivo dos meios eletrónicos, os seus sentidos afinados são muito mais sintonizados com a percepção de outras pessoas.

A troca de informações, pelo menos parcialmente subconsciente, através do cheiro, também não deve ser ignorada. De facto, em muitas culturas, africanas e não só, os rituais de saudação proporcionam oportunidades para a troca direta de cheiros, como beijos ou abraços, ou o toque de narizes. A importância do olfato na comunicação interpessoal é reconhecida por todas as sociedades; não é por acaso que nas sociedades industrializadas, a obsessão com a opressão, substituição ou melhoria dos odores corporais com produtos químicos é um negócio multibilionário⁴⁷. A relevância mais básica é, no entanto, biológica: em circunstâncias com uma relação latente com a seleção reprodutiva, a compatibilidade ou incompatibilidade dos odores parecem indicar uma possível correspondência genética com efeitos presumíveis na saúde dos descendentes potenciais.

Em numerosos encontros, o cheiro do medo pode ser um indicador de relações de poder e muito mais. Os cheiros também desempenham um papel básico na transmissão geral de emoções entre as pessoas.

As complexidades das relações interpessoais, intergrupais e interétnicas estão, de certa forma, condensadas nos rituais de saudação, assim como também os assuntos situacionais e pessoais, as preocupações, os estados de espírito e as sensibilidades das pessoas.

⁴⁵ "Eu tinha a sensação", "eu sentia", "eu simplesmente sabia" são frases bastante comuns nas conversas.

⁴⁶ Jung expressou isso, na linguagem da época: "Em tudo, os negros provaram ser excelentes juízes de carácter. Um dos seus caminhos para o discernimento estava no seu talento para a mímica. Eles podiam imitar com espantosa precisão a forma de expressão, os gestos, o andar das pessoas, assim, a todas as intenções e propósitos, metendo-se nas suas peles. Achei a sua compreensão da natureza emocional dos outros completamente surpreendente. Eu sempre me dedicava a longas conversas para os quais tinham um carinho pronunciado. Desta forma, aprendi muito." (Texto original em inglês) (JUNG; JAFFÉ, 1989).

⁴⁷ O medo de odores corporais induzidos nas populações de sociedades ocidentais industrializadas por décadas de publicidade já tem traços de paranóia.

Saudações para marcar estatuto social, proximidade e distância

Nas sociedades onde o exercício do poder se baseia mais nas relações pessoais do que em procedimentos burocráticos abstractos ou similares, as saudações são uma característica chave para o estabelecimento e manutenção das relações de poder.⁴⁸

O estatuto social pode ser expresso e conferido através da forma de saudação. Há um grande número de pistas e sinais, nem todos óbvios, muitos ambíguos, alguns apenas detetáveis com cuidado, alguns apenas perceptíveis para os iniciados.⁴⁹

As saudações servem também para definir as fronteiras entre os espaços público, privado e íntimo. Estas áreas variam em diferentes culturas e, em muitos casos, as transgressões das fronteiras podem conduzir a situações embaraçosas. Por um lado, o tipo de saudação é influenciado pela configuração do encontro.⁵⁰

A forma de saudação seleccionada pode ser usada para delinear o carácter do encontro, assim como para tentar empurrar o outro para outra esfera. Assim, já no ato de saudar, uma negociação subtil pode ter lugar para situar a interação seguinte em algum lugar do eixo público, privado, íntimo.

As crianças e jovens de ambos os sexos ao passarem pelas classes etárias – que são marcadas por rituais específicos – adquirem diferentes formas de saudações que marcam o seu estatuto relativo na ordem social. Quanto mais alto ascendem, mais responsabilidade lhes é exigida. Enquanto nas classes etárias mais jovens o mau comportamento é mais facilmente tolerado, em classes etárias mais altas espera-se que saibam distinguir o estatuto social dos mais velhos e que usem as formas correctas de tratamento. Quanto mais idosos, mais respeito lhes devem. As formas de tratamento mais comuns são derivadas da terminologia do parentesco ou referem-se, mais em geral, à classe etária, ao sexo e ao estatuto de casamento.

Deste modo, a fluência das formas permite, através de todas as suas variações possíveis, que as mensagens mais refinadas e subtis sejam passadas e que, através destas, sejam estabelecidas uma variação de intrincada distinção social e de relações até um grau de sofisticação muito

⁴⁸ Como em certos tipos de nobreza europeia, estes rituais podem ser usados para marcar com precisão a posição das pessoas na hierarquia da sociedade.

⁴⁹ As pessoas podem introduzir outras usando categorias derivadas da carta genealógica, como o "irmão mais novo" para denotar o seu estatuto inferior, resultante de pertencer a um grupo social considerado inferior, marcando assim uma diferença social no protocolo, indicando hierarquias interétnicas (Michel Dupont, comunicação pessoal). As pessoas podem introduzir-se usando categorias semelhantes num grupo, declarando a sua idade mais baixa e, portanto, o seu respeito pelos membros mais velhos do grupo. Muitas vezes a importância de grupos é expressa por símbolos de estatuto externo – muitas vezes, porém, por atitude e comportamento.

⁵⁰ Cf. Hannah Arendt para sociedades gregas antigas (ARENDDT; CANOVAN, 1998).

elevado. O domínio da forma manifesta-se na facilidade e elegância do seu uso, aparentemente sem esforço, que muitas vezes disfarça a própria forma.

Muitos factores externos, alguns dos quais podem ser tomados como pressupostos, influenciam os rituais de saudação. Alguns podem ser mais óbvios que outros. Onde se realiza a saudação? Quem está presente? Quem está ausente? Qual é o estatuto das pessoas presentes? Pertencem ou são pessoas estranhas/estrangeiras/da cidade? Quem pode observar a saudação? Que horas são do dia ou da noite?

Tipos de saudações

As saudações são certamente um dos assuntos do dia-a-dia mais frequentes, pelo que as variações são amplas e extremamente difíceis de classificar.

Vamos, portanto, primeiro olhar mais de perto para uma das formas mais básicas de saudação, o aperto de mão masculino. Em seguida, descreveremos algumas situações típicas variadas em que se realizam saudações para dar uma impressão sobre a variedade e complexidade das circunstâncias que implicam rituais específicos de saudação.

A fim de demonstrar a impossibilidade de descrever adequadamente um simples gesto de saudação, serão enumeradas algumas formas. Apenas algumas dimensões serão incluídas. Outras dimensões, não menos relevantes, terão de ser ignoradas, embora sejam de importância crucial: o ambiente, a coreografia dos corpos, a mímica, as línguas empregadas, o tom de voz, o tipo de sorriso, a duração de contacto e muitas mais características, nomeadamente, toda a sinalização secreta que muitas vezes ocorre.

Não existe ainda muita clareza qual é exactamente a informação que dois organismos trocam quando em contacto físico directo através desta interacção; é certamente impossível descrevê-la de uma forma significativa. Deve ser importante – é a saudação padrão em muitas sociedades.⁵¹

Vamos apenas dar uma olhada no aperto de mão (entre homens).⁵² A lista que se segue serve simplesmente para dar uma ideia da variedade e riqueza de formas que se encontram num dos gestos "mais simples" de saudação e de despedida.

- Aperto de mão simples com a mão direita.
- Aperto de mão simples com a mão direita, com ênfase adicional dada por balançar as mãos amplamente.

⁵¹ Para citar apenas alguns gradientes: temperatura, humidade, pressão, ritmo, duração, repetição, carga eléctrica, cheiro, vibrações, etc.

⁵² Para um estudo sobre o aperto de mão feminino ver HILLEWAERT, 2016.

- Aperto de mão duplo, ambas as mãos tocam ambas as mãos do outro.
- Aperto de mão com a mão direita, mão esquerda cobre a mão do outro.
- Aperto de mão com a mão direita, a mão esquerda é apontada para ou agarra o próprio antebraço direito perto da mão. Quanto mais se aponta para cima o próprio braço, mais respeito é expresso.
- Aperto de mão com a mão direita, mão esquerda agarra o próprio antebraço direito mais perto do cotovelo.
- Aperto de mão com a mão direita, mão esquerda move para a parte superior do próprio braço.
- Aperto de mão com a mão direita, mão esquerda toca o próprio peito do lado direito.
- Aperto de mão com a mão direita, mão esquerda move-se para o antebraço do outro.
- Aperto de mão com a mão direita, mão esquerda move-se para o cotovelo do outro.
- Aperto de mão com a mão direita, mão esquerda move-se para o braço superior do outro.
- Aperto de mão com a mão direita, movimentos da mão esquerda para o próprio braço superior, vénia para a esquerda, olhos evitados.
- Aperto de mão e abraço simultâneo de um só lado.
- Aperto de mão e mão esquerda bate (repetidamente) nas costas do outro.
- Aperto de mão e depois do aperto de mão, abraço de um lado.
- Aperto de mão, agarrando o polegar do outro. Para isso, a mão é oferecida mais alto que o cotovelo, com o polegar estendido para cima. Os polegares são pressionados uns contra os outros num movimento de fricção.
- Toque de punhos fechados, geralmente entre jovens, imitando a saudação dos boxers, às vezes seguido de agarrar o polegar do outro.
- Aperto de mão e abraço completo, simples, para um lado.
- Aperto de mão e, a seguir, abraço completo, dos dois lados.
- Abraço de um lado, batendo ligeiramente a barriga do outro (gesto familiar entre amigos pessoais em ambientes informais).
- Se um aperto de mão não for possível, são necessárias desculpas (‘mãos ocupadas, sujas ou molhadas’). Aperto de mão para ser executado correctamente logo quando possível.
- Um cotovelo pode ser oferecido para contacto em substituição se um aperto de mão não for possível.
- Uma pessoa de baixo estatuto cumprimenta uma pessoa de alto estatuto com um aperto da mão direita, a mão esquerda no antebraço, e ajoelha-se.

- Uma criança ou jovem aproximando-se de um velho, ajoelha-se à distância, bate palmas e espera ser chamado para se aproximar e ser cumprimentado.

Normalmente, a pessoa com o estatuto alto dá um sinal e a pessoa com o estatuto inferior oferece um gesto deferencial.

O movimento para se ajoelhar enquanto se oferece a mão pode ser interrompido pela pessoa de pé que puxa a pessoa ajoelhada para cima.

Todos os gestos podem ser reciprocados pelo outro ou não, dependendo do seu estado.

Quem olha como e para onde durante a saudação é talvez o sinal mais importante dado e recebido. Olhos nos próprios pés, olhos nos pés da outra parte, olhos evitados para que lado?

Os mais novos, ou as pessoas de estatuto inferior, evitam os olhos do outro o tempo todo enquanto cumprimentam um ancião.

O gesto inicial pode ser espelhado pelo outro se quiser conferir o mesmo estatuto. A adaptação mútua ao gesto oferecido pelo outro pode ser uma negociação sutil que pode transformar-se numa tentativa de harmonização.

A duração de cada gesto também é significativa, assim como a firmeza do aperto.

Os gestos podem ser ajustados durante o processo. Ambos os lados podem ajustar a expressão da distância ou proximidade social, bem como a distância de poder relativa à medida em que percebem melhor o outro e as suas intenções durante o ritual.

A saudação pode ser repetida para tentar resolver ambiguidades de estatuto; tentando aumentar o seu próprio estatuto, ou educadamente aumentar o estatuto da outra parte. A repetição também pode ser usada de forma mais sutil até que seja alcançada uma harmonia suficiente e uma base comum para levar a conversa ou a interação para a frente.

Às vezes, podem existir inconsistências de estatuto. Por exemplo, um homem mais jovem pode ter uma posição mais elevada numa hierarquia moderna, o homem mais velho na sociedade tradicional. Neste caso, uma negociação sutil ocorre para decidir qual o sistema de referência a aplicar e que informará a selecção da forma da saudação. O resultado desta negociação pode ser influenciado por circunstâncias externas, como a localização, a presença de outras pessoas, etc.

Em ambientes mais relaxados, gestos formais, como militares e outros, também podem ser usados de forma lúdica para exprimir a ausência do seu significado original e sinalizar que o contexto está livre dos constrangimentos, que estes gestos normalmente implicam.

As saudações podem assumir uma forma diferente nas relações jocosas, que as saudações assinalam desde o início da interação.⁵³

Nas sociedades onde a igualdade é um valor comum e importante, as saudações podem ser usadas como um mecanismo para picar egos insuflados, para furar o auto-engrandecimento, para ridicularizar as pessoas que pretendem ser mais do que são.⁵⁴

Saudações casuais

Quando pessoas andam por trilhos do mato e encontram um outro grupo, por exemplo, uma família que regressa do trabalho de campo, há regras claras sobre a saudação e o direito de passagem. Quem cumprimenta primeiro? Quem se afasta para deixar passar os outros? (Isto pode implicar algum desconforto e até algum perigo real ou percebido, de cobras ou minas, por exemplo).

Quantas vezes as pessoas insistem que a outra parte tenha precedência? Quando cedem à insistência dos outros e voltam ao caminho?

Cumprimentar pessoas em grupos

Quando se cumprimentam pessoas em grupo é seguido um protocolo rigoroso. A pessoa com o estatuto mais alto é cumprimentada primeiro, depois seguem as pessoas em ordem descendente de nível e estatuto. Normalmente, as pessoas que acompanham uma pessoa de elevado estatuto organizam-se fisicamente no espaço de tal forma que a pessoa mais alta recebe espaço para ser cumprimentada primeiro, seguida pelas outras em ordem descendente. Se a hierarquia não for clara, as saudações são geralmente acompanhadas de desculpas e as pessoas são saudadas de acordo com a sua proximidade física.⁵⁵

⁵³ "Relações jocosas" nas sociedades africanas são bem estudadas. Muitas vezes elas existem entre os avós e os seus netos, onde os padrões habituais de respeito entre crianças e idosos são suspensos. Cf. (RADCLIFFE-BROWN, 1940). Também existem entre diferentes grupos e sociedades onde têm a função de aliviar potenciais tensões sociais e políticas, como no bem estudado ritual de Sanankuya nas sociedades falantes de Manding.

Humor, porém, é muito mais amplamente usado para explorar o espaço do profano, estritamente separado do espaço do sagrado. É frequentemente usado para nivelar distâncias de poder e para suavizar situações potencialmente embaraçosas ou stressantes. O vasto campo de humor pode ser circunscrito pelas teorias do alívio, da superioridade e da incongruência.

⁵⁴ Alguns investigadores nacionais recém-chegados, com formação académica, quando se juntaram a uma organização de investigação, insistiram em ser tratados com o título de "doutor" pelo pessoal de pesquisa sem treino académico. Estes, embora bem experientes e auto-confiantes, não poderiam recusar, uma vez que teria sido considerado má educação para desafiar abertamente o pedido. Em vez disso, começaram a cumprimentar-se mutuamente, incluindo o rapaz do chá e o pessoal da limpeza, como "doutor".

⁵⁵ O motorista de um ministro da saúde sempre imitava o vestido branco do ministro, de modo que as pessoas tinham dificuldades em reconhecer quem era o ministro e quem era o motorista. "Quem vier primeiro, saúda-se como ministro", diziam rindo.

Não é infrequente que as pessoas levem uma outra pessoa pela mão para se afastar dos outros, a fim de ter uma conversa privada fora do ouvido deles. Isto parece bastante aceitável e não é considerado indelicado.

Encontros com pessoas armadas

Nas raras ocasiões em que se encontra um (amigável) grupo armado no mato, após a identificação inicial de amigo-inimigo, começa uma manifestação geral de expressões de paz universal. Isto é iniciado pelos comandantes com saudações militares formais, enquanto os combatentes podem demonstrar a sua disciplina, organizando-se em linha ou apresentando as suas armas. A exibição de mãos vazias levantadas, gestos formais de saudações, cedendo o direito de passagem são oferecidos por ambos os lados, repetidamente. As armas são apontadas para o chão ou para o ar ou guardadas.

Depois de as formalidades terem aliviado as tensões iniciais, podem ser iniciadas saudações mais tradicionais.

Ao encontrar um grupo de caça, que pode ser bastante perigoso à noite no mato, as pessoas começam a falar em voz alta, para dar a conhecer a sua presença. Quando a presença mútua é reconhecida, ao primeiro contacto visível, as armas são apontadas de forma demonstrativa para o chão ou para o ar, as espingardas de caça são abertas e podem ser descarregadas, as espingardas podem ser postas sobre o ombro, apoiadas contra uma árvore, ou colocadas no chão, os arcos são colocados sobre o ombro e as setas são colocadas na aljava. As luzes de caça nunca são apontadas para o rosto de outras pessoas. Seguem-se gestos de mão aberta. Todos entram na luz, se possível. Só então começam as saudações formais com contacto directo.

Saudação como exercício autónomo

Muitas saudações são apenas isso. Podem acontecer à distância ou em proximidade, mas não levam a mais. A sua única função é reconhecer a presença do outro e uma certa relação existente entre as partes de saudação, mesmo num encontro fugaz entre estranhos em locais públicos. Quando se move em comunidades mais pequenas, numa aldeia ou numa povoação, é necessário cumprimentar as pessoas. Passar por outras pessoas sem reconhecer a sua presença seria considerado bastante rude. Mesmo depois de ter cumprimentado as pessoas numa aldeia, quando as encontra novamente mais tarde, é necessário reconhecer a sua presença através de um sinal de distância.

Alem disso, também há saudações claramente autónomas com a função de construção de pontes entre estranhos. Estas funcionam muito melhor se houver uma parte conhecida de ambos os

lados que possa fazer a ponte entre ambos e ajudar a estabelecer uma forma de confiança básica. Se alguém precisar de entrar em contacto com uma pessoa de alto nível, por exemplo numa organização, ele ou ela pode normalmente levar um conhecido comum para a primeira reunião. Esta reunião serve apenas para introdução e não levará a uma troca de informações relevantes. Mas pode levar à marcação de uma reunião em seguida, em que os tópicos em questão possam ser discutidos com tempo e em profundidade.

Esta primeira reunião formal e o período seguinte permitem que ambas as partes superem a sua desconfiança inicial (e até para fazerem mais perguntas sobre a outra parte) para que as reuniões seguintes possam ser mais substanciais. Ir além das formalidades de saudação na primeira reunião seria considerado má forma e poderia ser contraproducente para os fins pretendidos. A transformação do desconhecido no conhecido é um mecanismo básico para o estabelecimento da confiança.

Saudações indirectas

Muitas vezes são transmitidos cumprimentos de pessoas que não estão presentes. Isto pode ser formal ou informal e, dependendo da situação, pode levar algum tempo. Podem ser transmitidas notícias sobre a parte ausente. Estas saudações são geralmente recíprocas e o mensageiro é educadamente solicitado a enviar cumprimentos de volta. Antes do aparecimento das telecomunicações modernas, estas saudações indirectas eram a única forma de comunicar com pessoas distantes. Mesmo hoje em dia, ainda têm uma função importante de reforçar as relações entre pessoas separadas pela distância. Indirectamente, servem também para reforçar a confiança entre as partes presentes, mostrando que conhecem pessoas em comum.

Cumprimentar as autoridades

Ao entrar num território, por regra, a primeira visita vai para o responsável pela área, seja ele dirigente, chefe, ou ancião da aldeia. Estes rituais de saudação são esperados. Com estas saudações o visitante reconhece a estrutura de poder e tenta legitimar a sua presença e as suas acções pretendidas na área. Com efeito, pode ser destacado alguém para acompanhar o visitante com instruções, que lhe conferem legitimidade adicional. O acompanhante, também, pode alertar a população de que o visitante pode não ser de confiança. Sem dúvida, o chefe receberá informações exaustivas sobre as acções e comportamentos do visitante.

O mesmo é aconselhável no que diz respeito às autoridades estatais modernas. É sempre prudente que os atores externos saúdem os representantes das instituições modernas de poder

antes de agirem no seu território. De qualquer forma, as autoridades serão informadas da sua presença e poderão considerar a falha de as contactar como falta de consideração ou pior.

Nas sociedades agrárias existem conhecimentos generalizados sobre os canais de comunicação correctos tanto para a comunicação interna como para a comunicação externa. Os adultos têm esse conhecimento e direccionarão os visitantes para os responsáveis; as crianças levarão visitantes ao próximo adulto.

Não-saudação

Nas sociedades onde a proximidade social é marcada pela proximidade física ('quem é visto em companhia de quem?') há uma clara obrigação de saudar. Mesmo uma falta descuidada de cumprimento pode ser entendida como uma violação das normas sociais.

A recusa de saudações pode ser usada para sinalizar distância e pode ser um sinal claro de hostilidade. Pode incluir olhar para o outro lado num encontro, sair do caminho, evitar um encontro, mostrar as costas a alguém ou recusar os gestos comuns, como um aperto de mão ou semelhante.⁵⁶

Uma recusa intencional, por norma, causa situações embaraçosas, que em muitas sociedades devem ser evitadas.

Uma não-saudação acidental causada por descuido exige um pedido de desculpas.

Saudações como actos agressivos

As saudações também podem ser usadas agressivamente, seja para mostrar desprezo, para humilhar, ou para sinalizar distância social. Isto pode ser feito de muitas maneiras. Ou encurtando a saudação de tal modo que falta o tempo mínimo exigido, ou omitindo certas formas de tratamento; o mesmo efeito por ser produzido de formas diferentes: por uma expressão arrogante, por um aperto de mão de "peixe morto", por uma postura de imobilidade, por não se levantar quando sentado, por não ir ao encontro do outro. Também pode ser mais subtil, executando a forma com todos os pormenores, mas subtraindo completamente a expressão de sentimentos e enviando assim sinais contraditórios para o outro. O procedimento pode, igualmente, ser acompanhado por um olhar inapropriado para o outro, ou por um desvio inadequado dos olhos ou do corpo.

⁵⁶ Não se pode não comunicar, como Watzlawick constata no seu primeiro axioma. (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2017).

Saudações como exercícios de dissimulação

Como em muitas conversas e interações, frequentemente, o propósito final de uma saudação não é nem abertura nem veracidade. Portanto, as saudações também podem ser usadas para dissimular o próprio estado ou as próprias intenções ou mesmo para transmitir intenções falsas. Este comportamento é uma prática social bem estabelecida. As pessoas podem perguntar, como forma de saudação, "Para onde vais?" e a resposta pode ser completamente inócua "Vou para lá". Mas isto pode ir bem além da prática habitual, que em muitas sociedades do mundo exige, que a pergunta "Como estás?" é suposto ser respondida de forma branda com "Estou bem", independentemente do verdadeiro estado.⁵⁷

As saudações também podem ser usadas para produzir uma falsa sensação de segurança no outro, ou para fabricar relações sociais. Nestes casos, não infrequentes, até mesmo a deferência pode ser simulada juntamente com expressões igualmente falsas de emoções.

Rituais da corte

Uma distinção clara pode ser feita entre sociedades centralizadas e acéfalas (ou segmentárias).⁵⁸ Nas primeiras, evoluíram certos "rituais da corte" com protocolos elaborados, regulando o acesso e um comportamento mais formal para com os chefes e os seus funcionários da corte e com o pessoal auxiliar, este muitas vezes armado. Estes rituais podem ser bastante longos, sofisticados e exigentes.

Nas sociedades acéfalas ou segmentárias, o acesso às autoridades reconhecidas é muito mais fácil, normalmente apenas restringido por modos e costumes, mas sem grandes imposições por pessoal auxiliar. As pessoas também estão menos constrangidas a expressar os seus sentimentos pessoais. O respeito é sempre expresso, mas sim de acordo com a idade, o género, a descendência e o afecto pessoal.⁵⁹

O jogo de espera

Muitas pessoas importantes, ou pessoas que se acham importantes ou querem ser consideradas importantes, praticam o jogo de espera com os seus visitantes. Ter outras pessoas à espera aumenta o seu estatuto. Este jogo é regularmente jogado por burocratas, ou por pessoas que imitam burocratas.

⁵⁷ Cf. o excelente estudo *Cultivating Knowledge: Development, Dissemblance, and Discursive Contradictions among the Diola of Guinea-Bissau*, de Joanna Davidson: "A atuação diária repetida de "Ukai beh" e "Inje muh" reconhece que as pessoas têm uma espécie de poder, não só para decidir para onde vão, mas revelar ou ocultar essa informação" (DAVIDSON, 2010).

⁵⁸ Cf. (SIGRIST, 2005), (SIGRIST, 2004).

⁵⁹ Cf. (KRAMER; SIGRIST, 1978)

Os altos e poderosos usam esta técnica para impressionar os seus visitantes com a distância de poder entre eles. Como esta é uma ocorrência quotidiana, as pessoas estão habituadas a isso e sofrem-na com boa graça e paciência.

Não é raro ter uma sala cheia de centenas de pessoas pacientemente à espera durante horas para o aparecimento dos politicamente poderosos.

Saudação de guerreiro

As saudações entre lutadores/guerreiros/inimigos seguem um ritual muito específico e estruturado.

As forças de combate tradicionais das sociedades agrárias africanas são constituídas através dos ritos masculinos de passagem ou de cerimónias de iniciação. A sua formação é um exercício de união masculina onde os recrutas aprendem, entre muitas outras coisas, também, rituais de saudações específicas que os identificam diante dos seus colegas, mas também perante os seus oficiais tradicionais. Estes rituais estão em parte abertos, em parte invisíveis para os não-iniciados. Os ritos constituem algumas das experiências de vida mais importantes para os seus participantes. Sob a supervisão de oficiais experientes, os recrutas sofrem profundas mudanças de personalidade. Estas são provocadas e assistidas por privações (vivendo no mato, separados das famílias, sem conforto), por dores infligidas, pelo uso controlado de drogas e, muitas vezes, pelo sofrimento causado pela morte de alguns dos seus pares. Muitas vezes também são marcados fisicamente por circuncisão, cicatrizes ou tatuagens.

Quando os jovens lutadores querem desafiar outros para uma luta, o que fazem com uma certa frequência, em muitas sociedades seguem regras, também estritamente ritualizadas, com rituais de saudação específicos. Estas podem consistir em algumas pedras atiradas sobre a cerca da casa do oponente, acompanhadas de insultos gritados. Esta saudação combinada normalmente traz o oponente para o espaço público onde uma luta – luta sem armas ou luta com paus – se segue prontamente.

Em cenários mais formais, como em competições de luta livre, uma saudação ritual entre os competidores precede sempre a luta real, assim como também há uma saudação final, como uma vénia respeitosa ou um aperto de mão.

Nas organizações militares modernas, são adotadas as formas de saudações militares que mostram a posição hierárquica militar. Após o fim da saudação formal e com as relações formais de poder estabelecidas, formas mais tradicionais podem ser aplicadas num exercício para estabelecer ou reforçar as relações sociais.

Sinais importados

Até nos ambientes mais tradicionais como, por exemplo, entre velhos aldeões, mas muito mais no mundo dos jovens, são, com bastante frequência, adotados palavras, sinais e gestos de outras culturas em saudações. Isto não é específico para as sociedades africanas, mas também desempenha um papel importante nestas.

Velhos aldeões podem ser observados a incluir frases da Bíblia ou do Alcorão nas suas saudações tradicionais, enquanto os jovens parecem buscar palavras e frases estrangeiras emprestadas, na sua maioria popularizadas pelos meios de comunicação social, para transmitir um sentimento moderno.

Certos grupos de jovens usam os seus próprios rituais de saudação, muitas vezes bastante intrincados e geralmente inspirados por filmes sobre outras culturas juvenis em lugares distantes, muitas vezes das Américas com as suas distintas culturas do gueto. Estes rituais são usados para marcar a inclusão num determinado grupo e a exclusão de todos os outros. Envolvem, muitas vezes, interações refinadas com as mãos.

Saudando o sol, o dia e os espíritos

Em muitas das sociedades há rituais de saudação que vão além da interação social. O uso de formas elementares de comunicação interpessoal para além do reino dos humanos mostra que as sociedades não limitam a sua auto-percepção aos seus parentes, mas interagem com a natureza num sentido mais lato, ainda que simbolicamente, mas não menos real por isso. Existem rituais para saudar o sol quando nasce de manhã. Estas saudações ao sol e ao novo dia, que em muitas culturas do mundo são entendidas como "orações de manhã", nas sociedades agrárias africanas marcam a mudança da noite e da realidade do mundo dos sonhos para a realidade da vida do dia-a-dia. Estes rituais de saudação podem ser realizados perto dos santuários da casa que existem em muitas habitações. A nível social, as saudações matinais têm a função de reengajamento com os outros, sejam eles familiares, vizinhos ou membros da comunidade e reafirmar a sua existência como parte de uma realidade mais abrangente.⁶⁰

⁶⁰ Jung expressou isto, na linguagem do seu tempo, ao relatar uma experiência com os Elgonyi: "Se te conseguires colocar na mente do primitivo, vais entender imediatamente porquê isso é assim. [...] O que acontece fora também acontece dentro dele, e o que acontece dentro dele também acontece fora dele. Ao nascer do sol, eles cospem nas mãos e depois estendem as palmas das mãos em direção ao sol, à medida que se aproxima do horizonte. "Estamos felizes por a noite ter passado", eles dizem. [...]. O nascer do sol e o seu próprio sentimento de libertação são para ele a mesma experiência divina, assim como a noite e o seu medo são a mesma coisa. Naturalmente, as suas emoções são mais importantes para ele do que a física; portanto, o que ele regista são as suas fantasias emocionais. Para ele a noite significa cobras e o sopro frio dos espíritos, enquanto a manhã significa o nascimento de um belo deus" (Texto original em inglês) (p. 40). (JUNG; JAFFÉ, 1989).

Muitas vezes estes rituais encontram um correspondente nas "orações da noite", entendidas como despedindo-se do dia e dando as boas-vindas à noite.

Os contactos com os espíritos⁶¹ podem ser encontros formais, por pessoas que visitam os seus santuários e outros locais de culto, a fim de procurar protecção, procurar apoio para os empreendimentos planeados, ou para celebrar contractos com os espíritos⁶² para fins específicos ou gerais. Estes podem incluir, por exemplo, evitar doenças dos membros da família, protecção nas suas viagens, sorte no amor, progressão nas suas carreiras, sucesso na emigração, protecção contra as balas na guerra, etc. A destruição de inimigos ou o fracasso dos seus projetos também podem ser desejados. Nestes encontros formais, são utilizados rituais específicos de saudação que geralmente incluem alguma forma de preparação, como a purificação ritual.

Quando um contacto com um espírito é pretendido através de sonho, certos rituais podem ser realizados antes de ir dormir, para informar os espíritos de que um contacto é solicitado. Estes rituais estabelecem uma ligação entre a existência do dia e a existência dos sonhos. O relatar dos sonhos, que é bastante frequente, transmite experiências do mundo dos sonhos ao mundo do dia. Assim, encontramos uma ligação bidirecional entre os mundos dos sonhos e os mundos dos vivos.

Encontros fortuitos com espíritos também são bastante frequentes. Podem acontecer em qualquer lugar, mas parecem ser mais frequentes no mato, quando as pessoas se aventuram sozinhas, assim como viajantes e caçadores. Saudações específicas são vitais nestes contactos. A identificação amigo-inimigo é em parte facilitada por ornamentos corporais, amuletos e dispositivos semelhantes que sinalizam aos espíritos a pertença a um grupo específico.

Despedida

Depois de encontros, conversas, interações, etc., vem a partida. De facto, a despedida é muitas vezes tão elaborada como a saudação inicial. Na despedida, muitos dos gestos usados na saudação também são aplicados. No entanto, em vez de produzirem proximidade e encontro, eles expressam distância crescente e eventual separação de corpos e mentes.⁶³

O valor simbólico da execução da despedida não deve ser subestimado. Envolve também formas complexas e bastante multifacetadas. Normalmente, não é apenas um curto adeus, mas sim um processo extenso a ser repetido algumas vezes e com variações. Serve para encerrar um

⁶¹ (OGUNNIYI, 2014).

⁶² (CROWLEY, 1990). Estes rituais geralmente incluem formas elaboradas de doação de presentes.

⁶³ Por exemplo, o mesmo tipo de aperto de mão pode ser aplicado como na saudação. Mas ninguém vai confundir uma saudação com uma despedida.

ato de comunicação e permite suavizar quaisquer tensões que possam ter entrado no processo. As formas elaboradas e os longos procedimentos de despedida dão o tempo necessário para o desenlace das pessoas que partilharam tempo, significado e uma parte da sua existência.

A despedida adequada reforça a relação estabelecida através da ritualização da separação (temporária). Através da sua forma, duração, sentimentos exibidos, etc., abre (ou não) as possibilidades de futuros contactos e comunicação. Em muitas sociedades, o despedimento inclui declarações de unidade partilhada, mesmo quando as pessoas serão separadas à distância. Isto é expresso em muitas formas que enfatizam a unidade mesmo que haja uma separação no espaço como: "Estamos juntos!"

Geralmente inclui agradecer repetidamente à outra parte pelo seu tempo, sua companhia e por muito mais. Embora os mesmos gestos possam ser aplicados, como na saudação inicial, é perfeitamente claro para o observador que a despedida é bastante distinta do encontro. Embora exista uma certa simetria com uma saudação inicial, partir é um acto fundamentalmente diferente.

A despedida é muitas vezes usada como uma oportunidade para enviar mensagens à família da outra parte, ou a pessoas que são conhecidas por ambas as partes.

Não passar pelo conjunto de passos prescritos é considerado rude e pode deixar maus sentimentos para trás.

No entanto, as fórmulas prescritas para a despedida podem também servir para se livrar de situações indesejadas ou desagradáveis. Especialmente quando os encontros não trouxeram os resultados desejados, as formas são seguidas com todos os passos.

Se o processo de comunicação ou a interação correu bem, os resultados positivos alcançados entre as saudações iniciais e a despedida, podem ser demonstrados pelas diferenças exibidas em ambos os rituais. Se foram feitas promessas durante uma conversa, são confirmadas pela intensidade do ritual de despedida. O contrário também pode ser o caso. Em ambientes de baixa confiança, a leitura correta destes sinais é essencial.

Um adeus prolongado

Um pequeno exemplo pode exemplificar isto: O centro de investigação em que um dos autores trabalhou, foi visitado uma vez por ano pela mais alta e respeitada figura da comunidade religiosa mais importante do país. O visitante foi anunciado pelo silêncio repentino do pessoal. Depois de elaborados rituais de saudação, sentámo-nos para um chá e uma conversa. Ele deixou bem claro que nunca visitou gabinetes ou escritórios do governo ou de outras instituições. Após o fim da reunião, a sua despedida foi ainda mais significativa do que as saudações iniciais.

Despedimo-nos na sala de reuniões com um aperto de mão, ambos tocando o ombro do outro com a mão esquerda, fazendo uma reverência baixa, demorada, com olhos virados para o chão. Isto foi então repetido na varanda. E então uma terceira vez na rua, do lado de fora do portão, para onde o anfitrião o tinha acompanhado. Esta demonstração mútua de respeito não só deu um grande impulso ao moral do nosso pessoal, mas, como foi amplamente falado, contribuiu certamente para a concessão de acesso a muitas sociedades étnicas do país para os nossos investigadores.

A despedida do caçador

Em certas sociedades, o caçador é obrigado a realizar um ritual abrangente de despedida com o guardião responsável da linhagem pelo pastoreio mágico da caça e para receber as suas bênçãos. Nesta despedida, o caçador reconhece a autoridade da linhagem, presta o seu respeito à pessoa responsável, aceita instruções e proibições e anuncia a sua aventura no mato.⁶⁴ Esta despedida dá alguma protecção mágica ao caçador contra os perigos da caça. Implicitamente, reconhece que voltará para compartilhar uma parte da caça, ou, pelo menos, para relatar tudo o que observou, ao gestor tradicional da caça. Estes, ou mecanismos semelhantes, também ocorrem, de forma ligeiramente variada, quando outros recursos naturais são explorados, tais como peixes, etc. Deste modo, estes rituais formais desempenham um papel importante na gestão dos recursos naturais.

Aprender a cumprimentar

Para além da aprendizagem tradicional, predominante através da observação e imitação, os membros das sociedades agrárias africanas, tanto masculinos como femininos, são treinados, formal e informalmente, durante muitos anos, quer por instrução direta, suportada por sanções rigorosas, ou, mais frequentemente, por empurrões subtis, a fim de dominarem os rituais de saudação. A imitação é a forma de transmissão não só do Conhecimento Antigo, mas também de comportamento, valores, emoções, conhecimento operacional e similares, numa cadeia transgeracional. Crianças e jovens imitam pessoas mais velhas e mais experientes. Mas a imitação não é apenas algo que as crianças fazem; os pais também imitam os seus filhos para se comunicarem melhor com eles. No entanto, os jovens são activamente encorajados, em determinadas situações com muita ênfase, a imitar os idosos experientes; espera-se que os

⁶⁴ (SCHIEFER, 2002).

imitem. Imitando as formas externas, eles também se familiarizam com os estados internos emocionais e relacionais que formarão a sua personalidade e a sua identidade.⁶⁵

Mesmo nas cerimónias secretas de iniciação de muitos grupos étnicos⁶⁶, a saudação é considerada parte integrante e constitutiva da gestão das relações sociais e constitui matéria distinta de ensino. O domínio de múltiplas formas acompanha a hierarquia da iniciação. Quanto mais alto o nível de iniciação, mais formas secretas as pessoas aprendem e são autorizadas a empregar.⁶⁷

Estes ensinamentos também incluem o conhecimento de como saudar os espíritos que as pessoas possam encontrar – que não são, de forma alguma, todos de uma disposição amável.

Incluem, também, muitos sinais secretos que reflectem a necessidade de "identificação amigo-inimigo" bem como a construção de confiança entre pessoas pertencentes ao mesmo grupo relevante, mesmo na presença de outros que não pertencem. Os sinais secretos permitem a passagem de informação sobre as pessoas presentes sem que estas percebam. Olhar para os pés do outro não serve apenas para desviar os olhos numa demonstração de respeito, mas também para detetar sinais não óbvios dos pés que não são percebidos pelos não iniciados.⁶⁸

A aquisição das formas completas de saudação é considerada vital para se tornar um membro adulto da sociedade. O ideal propagado para a juventude não é, como em algumas sociedades ocidentais industrializadas modernas, independência individual, revolta ou disrupção, mas sim obediência, responsabilidade, solidariedade, respeito e harmonia. Como em muitas outras sociedades onde "o indivíduo" não tem a ilusão de ser "o mestre do seu próprio destino" o ideal mais alto para uma pessoa é a paciência. Sem paciência não há virtude.

Alguns exemplos podem ser suficientes para entender parte dos ensinamentos nos rituais de iniciação. No campo, se um visitante chega a uma aldeia, há um protocolo elaborado: como entrar numa aldeia? O visitante não só tem de identificar as pessoas que tem de cumprimentar primeiro, o que pode envolver algumas consultas a intermediários, como também tem de passar por um extenso ritual de saudação das pessoas mais importantes. Isto implica sempre que os visitantes têm de estabelecer contacto pessoal directo. Sem interação física, uma pessoa pode estar fisicamente presente sem ser socialmente reconhecida. Se a presença física dentro de um determinado tempo não passar para uma presença social reconhecida através do

⁶⁵ Cf. *Mind, Self, and Society* (MEAD, 2009) e *Symbolic Interactionism. Perspective and Method* (BLUMER, 2009).

⁶⁶ "El ceremonial es el procedimiento técnico para enseñar verdades indemostrables (GÓMEZ DÁVILA, 2007).

⁶⁷ No mais alto nível de iniciação são estabelecidas as sociedades secretas trans-sociais, que abrangem grandes partes do continente.

⁶⁸ Se um estrangeiro for introduzido num grupo, o grupo pode ser subtilmente advertido se ele falar a língua local.

contacto físico, pode resultar num mal-estar. Entrar corretamente numa aldeia ou comunidade implica uma exibição discreta da proficiência nas formas e proporciona aos responsáveis a oportunidade de avaliar o visitante.⁶⁹

O aparentemente simples acto de entrar num complexo residencial em algumas sociedades no sul do continente requer um conhecimento detalhado. Numa primeira visita, o hóspede é obrigado a sair pela porta onde entrou, acompanhado pelo anfitrião.⁷⁰ Em visitas posteriores, os requisitos do protocolo são um pouco mais flexibilizados. Em muitos destes complexos residenciais há um pequeno espaço entre a área exterior e a residência interior, dedicado aos visitantes que chegam à noite e podem descansar lá sem acordar os habitantes. Eles não estão nem fora nem dentro. Só na manhã seguinte, ao serem oficialmente saudados, a sua presença é formalmente reconhecida e são recebidos como hóspedes.

Adquirir o conjunto completo de formas de saudação e de despedida, incluindo os pontos mais finos de etiqueta, implica décadas de aprendizagem. E, como em toda a aprendizagem, algumas pessoas são melhores que outras.

Falácias interculturais

Os contínuos sucessos da internacionalização das empresas e as repetidas falhas das intervenções de desenvolvimento chamaram a atenção para a questão do contacto intercultural.⁷¹

As numerosas dimensões da comunicação intercultural, em graus diferentes e de acordo com as circunstâncias, influenciam as saudações entre pessoas das sociedades agrárias e estranhos. De facto, algumas das especificidades das saudações podem ser observadas a partir de exemplos em que são executadas incorrectamente e, portanto, falham o seu propósito.

Um pequeno exemplo pode ilustrar isso: Num centro de investigação na capital de um país da África Ocidental, um novo investigador europeu juntou-se à equipa. Ele costumava vir ao escritório e, com um simpático "bom dia", passar pelo escritório exterior e entrar no seu próprio gabinete. Passados alguns dias, alguns membros da equipa falaram com o director e perguntaram: “Qual é o problema do colega? Será que ele não gosta de nós? É racista? Ele não nos cumprimenta!” Quando o director lhe falou das queixas, ficou completamente

⁶⁹ Ao fazer pesquisa ou interagir com estas sociedades de outras formas, considerou-se útil usar como líderes de equipa apenas pessoas que foram iniciadas nas sociedades onde a equipa ia trabalhar.

⁷⁰ Qual a porta que o visitante deve passar pelas paliçadas? Como dar a conhecer a sua presença? Depois de passar o espaço exterior, qual é o espaço para onde ir? Onde esperar pelo dono para que seja recebido e convidado? Quem passa primeiro pelas aberturas para o espaço oficial de receção? Em quais dos troncos o convidado se deve sentar? Quem se senta aonde? Ao sair, quem passa pelo portão primeiro?

⁷¹ Para um exemplo da área de negócios, ver Trompenaars (2012).

surpreendido: "Mas eu cumprimento-os", insistiu: "Eu digo bom dia! Eu nunca falho!" Foi preciso explicar-lhe que teria de fazer as rondas, apertar a mão a toda a gente, perguntar sobre a sua saúde, a saúde e o bem-estar das famílias e assim por diante.

Não conhecer as formas apropriadas de saudação, mesmo quando se aplicam as palavras correctas (que normalmente é a primeira coisa que os estrangeiros aprendem), pode ser considerada uma falta de conhecimento e familiaridade com os costumes locais. Isto pode ser tolerado em estrangeiros por algum tempo, mas também pode ser interpretado como uma falta de interesse e educação.⁷² Não cumprimentar de forma adequada pode ser visto como falta de educação. Mas muitas vezes a tolerância e o pragmatismo prevalecem.

A falta de conhecimento sobre o outro pode ser um sério impedimento para estabelecer uma comunicação significativa e produtiva. As incertezas sobre o estatuto do outro, no caso dos estrangeiros, podem ser mútuas. Como diferentes culturas usam símbolos diferentes para expressar o seu estatuto, interpretar mal o estatuto do outro pode induzir ambas as partes em erros, que frequentemente levam a dissonâncias cognitivas.⁷³

O estatuto específico de género das sociedades agrárias, onde são atribuídos papéis distintos aos homens e às mulheres e onde se espera um comportamento específico de género atribuído (representação em espaços públicos, tomada de decisão em assuntos públicos, formas de saudar os estrangeiros, para citar apenas alguns exemplos), pode ser suspenso quando se trata de mulheres estrangeiras que interagem com as sociedades.

Assim, às mulheres estrangeiras podem ser atribuídas o "estatuto masculino" que lhes permite, por exemplo, entrar nos espaços e desempenhar papéis normalmente reservados aos homens. Também podem ser recebidas de forma neutra em relação ao género.

A percepção do tempo, bem como o ritmo de acção, diferem muito entre as sociedades agrárias e sociedades industrializadas, estando estas últimas na origem de grande parte do pessoal envolvido nas atividades de desenvolvimento. O pessoal internacional de projetos de desenvolvimento, por exemplo, muitas vezes experimenta grandes dificuldades na adaptação ao ritmo lento das sociedades agrárias, onde o tempo não é medido pelo relógio.⁷⁴

⁷² O pessoal de um centro de investigação comentou, por vezes, sobre investigadores internacionais: "Este antropólogo está no país há mais de um ano e ainda não sabe como cumprimentar um ancião!"

⁷³ Muitas vezes, o pessoal internacional de ONG e similares evita os símbolos de estatuto mais óbvios, tais como roupas formais adequadas, etc., embora, tendo carros e boas casas, eles certamente teriam dinheiro para as comprar (pelo menos na percepção das sociedades locais). Diminuir a aparência do seu próprio estatuto social, como parece costume em alguns grupos em muitas sociedades ocidentais, muitas vezes envia exatamente os sinais errados aos membros das sociedades africanas e não só a eles.

⁷⁴ Cf. (SCHRÖTER; ELIAS, 1988).

A importância relativa dada ao estabelecimento de relações pessoais em detrimento do "assunto em questão" é outra potencial causa de mal-entendidos e eventuais atritos. Chegar ao ponto de discussão logo, sem dar atenção e tempo suficientes às saudações, não só viola as normas culturais, como também pode ser contraproducente. Realizar, de forma adequada, os rituais de saudação, com as repetições necessárias, pode dar espaço para que o não dito possa produzir o seu efeito.

Saudações adequadas, ao iniciar uma reunião, também podem ajudar a identificar os verdadeiros decisores, que nem sempre são as pessoas com o estatuto formal mais alto.⁷⁵

A despedida adequada é da mesma importância que a saudação inicial. Através das despedidas, decisões podem ser subtilmente expressas, assim como as intenções dos actores que muitas vezes têm de consultar os seus constituintes antes de assumirem acordos formais. Estes constituintes podem incluir, para além das suas famílias, linhagens, etc., as instâncias espirituais que podem ter a palavra final em questões vitais e cuja influência pode ser crucial para a construção de consensos.

Um outro ponto de possíveis mal-entendidos são as emoções típicas demonstradas nas saudações; o calor humano transmitido através de um sorriso pronto, mesmo em encontros ocasionais, pode facilmente ser mal interpretado por pessoas de culturas onde este tipo de expressão de sentimentos é muito mais restrito à intimidade da família e dos amigos. Por outro lado, as pessoas do Norte são muitas vezes vistas como frias e distantes, porque não expressam os seus sentimentos reais ou não tão reais da forma calorosa habitual. Mas mesmo uma saudação muito amigável não significa que exista uma relação. Os sentimentos e emoções amáveis exibidos podem ser destinados a desarmar potenciais sentimentos hostis em vez de estabelecer uma ligação real. O domínio da saudação é também um sinal do vigarista e do político.

Conclusões, perguntas e interrogações

Muitas sociedades agrárias africanas estão em contacto com o mundo exterior através de diferentes tipos de intervenções deste. A maioria destas intervenções externas nas sociedades africanas tem uma componente de comunicação muito forte. Os actores do estado e da sociedade civil tentam passar-lhes mensagens, como por exemplo em campanhas de saúde, ou

⁷⁵ No decorrer de pesquisas sobre a guerra anticolonial num país da África Ocidental, uma questão extremamente sensível na época, as sociedades costumavam enviar para as entrevistas alguns veteranos da "luta de libertação" sem muitos conhecimentos reais. Os actores realmente importantes e conhecedores ficaram em segunda linha, para esperar e ver o que de fato significava esta pesquisa. Só quando foi estabelecida uma certa confiança é que eles se revelaram. Depois de algum tempo, a nossa equipe de pesquisa foi capaz de rastrear os entrevistados apenas através os rituais de saudação e educadamente enviar os muito ansiosos embora.

tentam estabelecer canais de comunicação, através de projetos de desenvolvimento, etc. Muitas intervenções externas são basicamente exercícios de comunicação que visam, com mais ou menos subtilidade, mudar padrões de comportamento. Estes processos de comunicação raramente são eficientes. A obsessão com a comunicação em massa moderna e as suas bases tecnológicas que dominam a investigação⁷⁶ parece ter obstruído uma visão clara sobre a comunicação interpessoal directa⁷⁷, da qual a saudação é uma parte essencial. Para todos que lidam com outras sociedades, sejam funcionários do governo, pessoal de organizações de desenvolvimento ou investigadores, é de suma importância acertar a sua comunicação. Os processos específicos de comunicação nestas sociedades agrárias também constituem o pano de fundo para processos mais modernos, sejam eles interpessoais ou baseados nos média. Formas de saudação mais modernas são derivadas ou fortemente influenciadas pelas formas mais tradicionais, desenvolvidas ao longo de milhares de anos por estas sociedades, que impregnam a cultura urbana moderna.

Por conseguinte, surgem algumas questões que só podem ser respondidas por pesquisas futuras.

- Como é que os rituais de saudação se traduzem e se transformam em espaços multi-étnicos, como, por exemplos, nos grandes centros urbanos?
- Como é que influenciam o funcionamento das organizações modernas ou peri-modernas?
- Como é que influenciam os contactos interculturais?
- Como são influenciados por contactos diretos interculturais ou contactos baseados nos meios de comunicação social?
- Como mudam os rituais tradicionais de saudação quando as novas tecnologias de comunicação evoluem e se tornam disponíveis?
- Que tecnologias são preferidas e porquê?
- Como é que os processos de comunicação tradicionais influenciam a utilização das modernas tecnologias de comunicação?

O estudo das comunicações modernas e especificamente das saudações modernas e urbanas, bem como a comunicação através dos meios eletrónicos modernos, poderia beneficiar muito de uma melhor e mais profunda compreensão dos processos de comunicação mais tradicionais. Assim como provavelmente a maioria das pessoas que lidam com sociedades agrárias africanas.

⁷⁶ Ver, por exemplo, a elaboração do modelo de comunicação Shannon/Weaver, derivado da transmissão técnica de informação e extremamente útil neste contexto. (SHANNON; WEAVER, 1998). Agora parece influenciar a maioria dos estudos de comunicação. A transferência não reflectida deste modelo para a comunicação interpessoal causou sérios danos à compreensão da comunicação humana directa.

⁷⁷ Para uma abordagem diferente ver (PAULI; JUNG, 2014).

Referências

- AKINDELE, Femi. A sociolinguistic analysis of Yoruba greetings. **African Languages and Cultures**, v. 3, n. 1, p. 1–14, 1990.
- ANSU-KYEREMEH, Kwasi. **Indigenous Communication in Africa. Concept, Application and Prospects: Concepts, Application and Prospects**. Accra: Ghana University Press, 2005.
- ARENDT, Hannah; CANOVAN, Margaret. **The Human Condition: Second Edition**. 2 Revised edition. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- BLUM, Alan. The border between intimacy and anonymity in innocuous action: The greeting as a social form. **Journal of Classical Sociology**, v. 16, n. 1, p. 69–83, 2016.
- BLUMER, Herbert. **Symbolic interactionism: perspective and method**. 1. paperback print., renewed. Berkeley, Calif.: Univ. of California Press, 2009.
- CROWLEY, Eve. **Contracts with the spirits: religion, asylum, and ethnic identity in the Cacheu region of Guinea-Bissau**. PhD diss. Yale Univ. 1990.
- DAVIDSON, Joanna. Cultivating Knowledge: Development, Dissemblance, and Discursive Contradictions among the Diola of Guinea-Bissau. **American Ethnologist**, v. 37 (2), p. 212–226, 2010.
- DURKHEIM, Émile. **Die Regeln der soziologischen Methode**. 9. Auflage. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2019.
- ELIAS, Norbert. **Die Gesellschaft der Individuen**. 9. Auflage. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2017. (Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, 974).
- Encyclopædia Britannica. Ultimate Reference Suite**. Chicago: Encyclopædia Britannica, 2014.
- FORTES, Meyer; EVANS-PRITCHARD, E. E; INTERNATIONAL AFRICAN INSTITUTE. **African political systems**. LaVergne, TN: Kessinger Publications, 2010.
- GÓMEZ DÁVILA, Nicolás. **Escolios escogidos**. Valencina, Sevilla: Los Papeles del Sitio, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. **Der philosophische Diskurs der Moderne: zwölf Vorlesungen**. 1. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.
- HILLEWAERT, Sarah. Tactics and Tactility: A Sensory Semiotics of Handshakes in Coastal Kenya: Tactics and Tactility. **American Anthropologist**, v. 118, n. 1, p. 49–66, 2016.
- HÖLDOBLER, Bert; WILSON, Edward O. **The superorganism: the beauty, elegance, and strangeness of insect societies**. 1st ed. New York: W.W. Norton, 2009.
- HUSSERL, Edmund. **Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie: eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie** / Edmund Husserl. Hrsg. von Walter Biemel. 2. Aufl., Photomechan. Nachdr. Haag: Nijhoff, 1976.
- HÜTHER, Gerald. **Bedienungsanleitung für ein menschliches Gehirn**. 10. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010.
- JUNG, C. G. **Archetyp und Unbewusstes**. Augsburg: Bechtermünz-Verl., 2000.
- JUNG, C. G.; JAFFÉ, Aniela. **Memories, dreams, reflections**. Rev. ed. New York: Vintage Books, 1989.

- JUNG, C. G.; JUNG, C. G. **The symbolic life: miscellaneous writings**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1976. (Collected works of C.G. Jung, v. 18).
- KAHNEMAN, Daniel. **Thinking, Fast and Slow**. New York: Farrar Straus & Giroux, 2011.
- KNUF, Joachim. Greeting and leave-taking: A bibliography of resources for the study of ritualized communication*. **Research on Language & Social Interaction**, v. 24, n. 1–4, p. 405–448, 1990.
- KRAMER, Fritz; SIGRIST, Christian (Orgs.). **Gesellschaften ohne Staat**. 1. Aufl. Frankfurt am Main: Syndikat, 1978.
- MATHIAS, Ba; ONYIMA, Bn. Salutation and health in Nigerian traditional society: a study of selected communities in the south east region. **OGIRISI: a New Journal of African Studies**, v. 11, n. 1, p. 66, 2015.
- MEAD, George Herbert. **Mind, self, and society: from the standpoint of a social behaviorist**. 31. [impr.]. Chicago: Univ. of Chicago Press, 2009. (Works of George Herbert Mead, 1).
- MMADIKE, Benjamin; OKOYE, Adaobi. (2) Patterns of greeting in Etulo. **IOSR Journal of Humanities and Social Science**, v. 20, n. 4, p. 09–12, 2015.
- NADEN, Tony. How to greet in bisa. **Journal of Pragmatics**, v. 4, n. 2, p. 137–145, 1980.
- OGUNNIYI, Michael Dare. Extra-mundane Communication: An Ethnographic Study of Visual Symbols at Osun Osogbo Sacred Groove. 2014.
- PAULI, Wolfgang; JUNG, C. G. **Ein Briefwechsel 1932–1958**. Softcover reprint of the hardcover 1st edition 1992. Berlin Heidelberg: Springer-Verlag, 2014.
- POLANYI, Karl. **The great transformation: the political and economic origins of our time**. 2nd Beacon Paperback ed. Boston, MA: Beacon Press, 2001.
- POST, Laurens Van Der. **Jung and the Story of our Time**. London: Penguin Books, 1978.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. On joking relationships. **Africa**, v. 13, n. 3, p. 195–210, 1940.
- SCHEPER-HUGHES, Nancy (Org.). **Violence in war and peace: an anthology**. Nachdr. Malden, Mass.: Blackwell Publ, 2007. (Blackwell readers in anthropology, 5).
- SCHIEFER, Ulrich. **Von allen guten Geistern verlassen? Guinea-Bissau, Entwicklungspolitik und der Zusammenbruch afrikanischer Gesellschaften**. Hamburg: Institut für Afrika-Kunde im Verbund Deutsches Übersee-Institut, 2002. (Hamburger Beiträge zur Afrika-Kunde, Bd. 70).
- SCHRÖTER, Michael; ELIAS, Norbert. **Über die Zeit: Arbeiten zur Wissenssoziologie II**. Trad. Holger Fliessbach. 11. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1988.
- SHANNON, Claude Elwood; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. 21. print. Urbana: Univ. of Illinois Press, 1998.
- SIGRIST, Christian. **Regulierte Anarchie: Untersuchungen zum Fehlen und zur Entstehung politischer Herrschaft in segmentären Gesellschaften Afrikas**. 4., erw. Aufl. Münster: Lit, 2005. (Kulturelle Identität und politische Selbstbestimmung in der Weltgesellschaft, 12).
- SIGRIST, Christian. Segmentary societies: The evolution and actual relevance of an interdisciplinary conception. **Segmentation und Komplementarität. Organisatorische, ökonomische und kulturelle Aspekte der Interaktion von Nomaden und Sesshaften**. v.

- 6, p. 3–31, 2004. (Beiträge der Kolloquia am 25.10.2002 und 27.06.2003. Halle 2004, Orientwissenschaftliche Hefte 14; Mitteilungen des SFB „Differenz und Integration“ 6).
- SOOLA, Ebenezer; BATTA, Herbert; NWABUEZE, Chinenye. **Communication and Africa's Development Crisis: Essays in Honour of Professor Des Wilson**. Saarbrücken: VDM Verlag Dr. Müller, 2010.
- TEMUDO, Marina Padrão; SCHIEFER, Ulrich. Disintegration and Resilience of Agrarian Societies in Africa - the Importance of Social and Genetic Resources: A Case Study on the Reception of Urban War Refugees in the South of Guinea-Bissau. **Current Sociology**, v. 51, n. 3–4, p. 393–416, 2003.
- TROMPENAARS, F., & HAMPDEN-TURNER, C. (2012). **Riding the Waves of Culture: Understanding Diversity in Global Business 3/E** (3rd ed.). McGraw-Hill Education.
- WATZLAWICK, P., BEAVIN, J., & JACKSON, D. (2017). **Some Tentative Axioms of Communication**. In C. D. Mortesen (Ed.), *Communication theory* (2nd ed., pp. 74-80). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315080918-7>
- WEBER, Max; WINCKELMANN, Johannes. **Wirtschaft und Gesellschaft - Grundriss der verstehenden Soziologie**. Tübingen: Mohr, 1985.
- WILHELM, Richard; JUNG, Carl G. **Geheimnis der Goldenen Blüte**. München: Diederichs, 2000.
- WILSON, Des. Towards a diachronic-synchronic view of future communication policies in Africa. **Africa media review**, v. 3, n. 2, p. 26–39, 1989.
- WILSON, Des. Traditional systems of communication in modern African development: An analytical viewpoint. **Africa Media Review**, v. 1, n. 2, p. 87–104, 1987.
- WILSON, Edward O. **On human nature**. Cambridge: Harvard University Press, 1978.